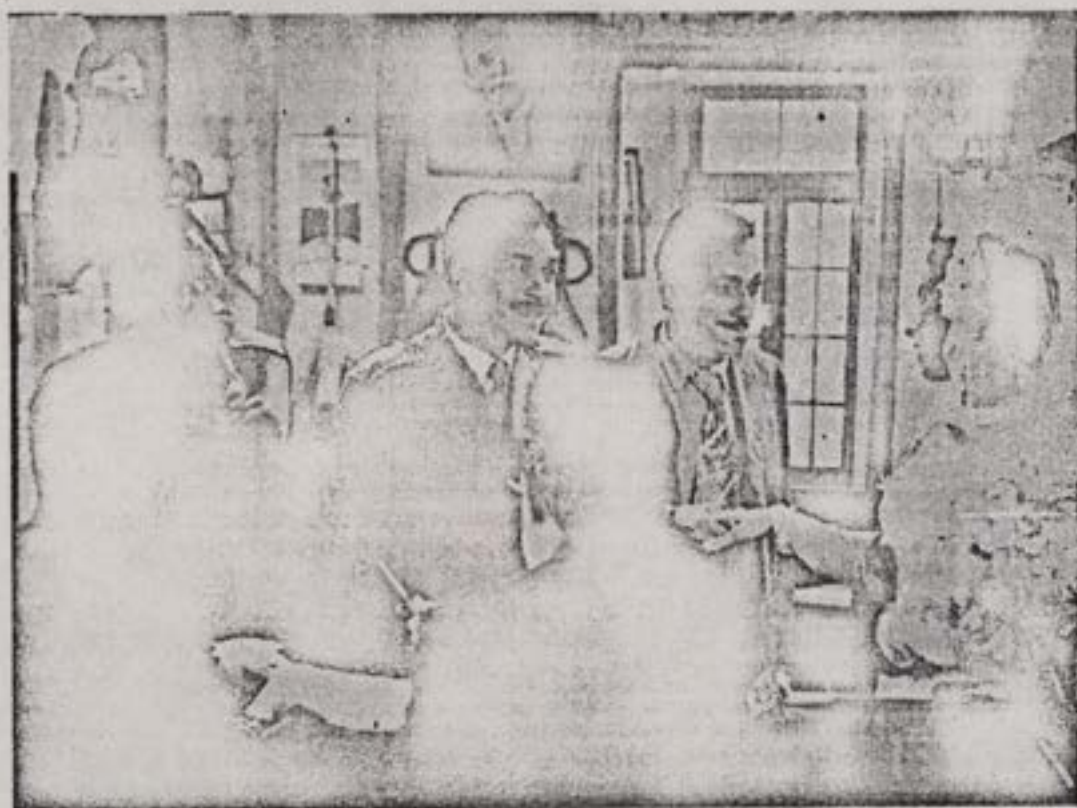


*e outras Artes...*



Cena de "MULHER DE VERDADE", em que Amelia (Inesita Barroso) recebe os cumprimentos de Bigode (Adoniran Barbosa) por seu casamento com Bamba (Colé). Mormoço (Coco Velho) atua como testemunha. Produção da Kino Filmes. — Direção de Cavalcanti.

## "Mulher de Verdade"

Adiantadas as filmagens da segunda produção da Kinofilmes, uma comédia popular.

Reina grande atividade nos Estúdios de Jaconã, com a filmagem de "Mulher de Verdade", nova produção da KINO FILMES. Os trabalhos estão bem adiantados, pois, tendo-se iniciado a 16 de outubro, mais da metade do filme já foi rodada.

O elenco de "Mulher de Verdade" escolhido pelo diretor Cavalcanti e formado por elementos que o público já consagrou — constitui uma recomendação para o filme, que é uma comédia de situações complicadíssimas...

Inesita Barroso (pela primeira vez estrelando um filme), é **Amelia**, enfermeira distraída mas ardilosa, que consegue salvar, com seus infundáveis recursos, as situações perigosas por ela mesma criadas. Colé vive o papel de **Bamba**, um dos dois maridos da "ingenua" **Amelia** — malandro que por ela se regenera, tornando-se um honesto bombeiro. **Coco Velho**, no papel de **Mormoço**, é um dos amigos do **Bamba** fazendo junto com ele as malandragens, as troçaças e metendo-se, finalmente, num romance, para ajudar o amigo. **Adoniran Barbosa**, interpretando o papel de **Bigode**, contribui com o seu

já conhecido humorismo, para a graça do filme, completando, com **Colé** e **Coco Velho**, um trio irresistivelmente cómico. **Raquel Martins**, a **D. Marcolina** de "Simão, o Caólho", personifica **Tia Vivi**, a grã-fina que para **Amelia** é uma verdadeira "oza negra"... **Carla Nell**, conhecida vedette dos palcos cariocas, também estréia no cinema pelas mãos de Cavalcanti, devendo agradar em cheio por seu aspecto deveras interessante. **Valdo Wanderley**, que Cavalcanti trouxe de Recife, onde se dedicava com grande êxito à arte dramática, deverá ser uma revelação, fazendo o papel de **Lauro**, o "outro" marido de **Amelia**...

## "SHOPPING NEWS" DE SÃO PAULO

---

PAG. 8

São Paulo, 28 de Fevereiro de 1954

---



**UMA DUPLA DE VALOR** — Jorge Magalhães constitui um dos mais interessantes locutores surgidos ultimamente no sem-fio do planalto. Possuidor de todos os dons que credenciam essa função em nosso rádio, Jorge Magalhães, dia a dia, ganha novos destaques com a sua atuação masculina ao microfone da Record. Ao seu lado, vemos Adeniran Barboza, eleito pela crônica especializada como o maior interprete cômico do nosso "broadcasting", contemplado, por isso mesmo, com o famoso "Roquete Finto". Além, desse relevo todo do Barbozinho no rádio, digno de um realce, é a sua atuação no cinema. Ainda, agora, firma a nova estrela Lima Duarte. "O astuto", onde interpreta o difícil personagem que é Antonio Conselho.



# SHOPPING NEWS DE SÃO PAULO

São Paulo, 11 de Dezembro de 1955

PAGINA 25

Um dos mais queridos amigos dos leitores, o populacista Arrelia, falando sobre o valor do livro no culto da sua brilhante carreira, disse que sem o livro "não seria nada".

"Tenho para com o livro atenções especiais, sabendo respeitar e avaliar o seu conteúdo. A leitura devo as horas mais agradáveis de minha vida. Sem o livro, acho que o

## ARRELIA E ADONIRAN BARBOSA SÃO AMIGOS DOS LIVROS

"Sem o livro acho que o mundo seria um triste deserto" — "Um homem de rádio, de cinema ou de música popular não pode desprezar a leitura"

mundo seria um triste deserto...

A leitura de um bom livro amplia e enriquece a vida.

### DEVO O QUE SOU AOS LIVROS

Continuando sua entrevista, Arrelia disse que lê sistematicamente, acrescentando:

"Meus maiores mestres sempre foram os livros. Reforçando o que disse, friso que devo tudo o que sou na vida aos livros que me guiaram com segurança, mostrando-me os bons caminhos. Gosto de presentear os amigos com livros, porque encontro nesse gesto, além de um motivo de prazer, um teste de sensibilidade. A tarefa da escolha de um bom livro implica num excitante trabalho de seleção e de pesquisa".

E terminando:

"Possuo a minha biblioteca, a qual, para mim, é um recanto sagrado. Tanto assim é que, se houver um incêndio em minha casa, o que primeiramente procurarei salvar serão os meus livros. Eles estão sempre em primeiro lugar".

### MINHA MULHER ESTÁ FORMANDO MINHA BIBLIOTECA

Adoniran Barbosa, também, colocou o livro em primeiro lugar, para o êxito da sua brilhante carreira. Esse conhecido comediante, astro de cine-



Adoniran Barbosa

ma e sambista popular, falando sobre se devia ao livro alguma coisa, respondeu:

"Agora lamento não ter lido mais na vida, porque só muito tarde é que compreendi o enorme valor que um livro pode desempenhar, ajudando o êxito da carreira de um artista. Se eu tivesse lido mais, muitos problemas teriam sido resolvidos com maior rapidez e segurança, na marcha da minha ascensão artística. Um homem de rádio, de cinema ou de música popular não pode desprezar a leitura".

### NUNCA É TARDE PARA SE RECUPERAR

#### O TEMPO PERDIDO...

"Mas nunca é tarde para se recuperar o tempo perdido. Passarei a ler mais, pois a leitura é uma grande necessidade".

E finalizando:

"Compro muitos livros e gosto de oferecer bons livros aos bons amigos. Minha mulher está formando minha biblioteca e hei de amar os livros como amo meus amigos".

São Paulo, 7 de Outubro de 1973



— Adoniram Barbosa, sempre com aquela garra que Deus lhe deu e os anos não lhe tiraram, foi a grande presença do Clube dos Artistas na sexta, junto com os Demônios da Garoa. E vai ser também a grande figura de "O Samba é Lei", amanhã, no Teatro 13 de Maio, com a presença do elenco da novela "Mulheres de Areia", onde ele vive o Chico Belo, um pescador muito parecido com Adoniram Barbosa.

M E T R O      N E W S  
(1977   a   1983)

indice

- 1977.....	123
- 1980.....	124
- 1982.....	125
-1983 .....	130



## O Samba Paulista de Adoniran Barbosa

Na Norte-Sul Danças, gafeira do Brás, em São Paulo, quando o mestre de cerimônias da casa interrompe a música do conjunto para anunciar um dos convidados da noite, parando o baile, surgem sempre alguns protestos. São operários, biscateiros, comerciários, engraxates da Praça da República e vendedores de bilhetes da Praça da Sé, gente simples que, nas noites do fim de semana, superlotam o salão, decorado com luz negra e as paredes pintadas em cores berrantes. Mas, apesar da reação inicial, logo explodem em palmas e sorrisos quando é chamado ao palco o "Charutinho", famoso tipo criado por Adoniran Barbosa para programas humorísticos no rádio paulista. Os raros frequentadores da casa, que não conhecem aquela figura - sempre de paletó, gravata borboleta e chapéu de aba curta enterrado na cabeça - logo o identificam pela voz rouca, que ensaia um dos primeiros acordes de um de seus grandes sucessos, Trem das Onze, e passam a acompanhá-lo.

Criado nos bairros pobres de São Paulo, Adoniran se transformou num profundo conhecedor do espírito paulista e faz questão de servir de guia pelas ruas do Brás, Moóca e Bexiga não dispensando as paradas para conversas com velhos amigos - barbeiros, sapateiros etc. Mostrar as gafeiras onde tocam o bom samba de São Paulo ou ainda apresentar figuras tradicionais da cidade, como o engraxate Geraldo, que mantém vivo o costume de polir sapatos cantando sambas, faz parte da vida diária de Adoniran.

Para uma conversa mais calma, prefere sempre a cozinha de sua casa. Cercado de brinquedos - trenzinhos e parque de diversões, em miniaturas, que ele mesmo cria - ao lado de sua esposa D. Matilde, lembra a história do "criador do samba paulista", surgindo de uma das mais tradicionais brincadeiras entre cariocas e paulistas, quando Vinicius de Moraes resolveu chamar São Paulo de "o túmulo do samba". A resposta veio imediatamente, de um outro carioca, amigo de Adoniran, Sérgio Porto, dizendo que o autor de Saudosa Maloca também fazia samba, só que um samba paulista. Até hoje Adoniran não gosta muito dessa distinção entre a música carioca e a paulista: "Samba é como futebol, começou em um lugar, se espalhou e agora é de todos os brasileiros".

Mesmo na sua casa ele pede licença para tirar a gravata borboleta, mas o botão do colarinho permanece fechado. Sua maneira de vestir, modo de falar e se comportar, muito popular, podem ser encontrados em ruas de São Paulo, entre as pessoas que diariamente cruzam o centro da cidade ou a Caetano Pinto no Brás. Mas entre os primeiros passos como calouro na rádio Cruzeiro do Sul, no Largo da Misericórdia, cantando músicas de Noel Rosa, na década de 30, até o reconhecimento como uma das figuras mais importantes da Música Popular Brasileira (com sucessos como Samba do Ernesto, Saudosa Maloca e Trem das Onze) Adoniran enfrentou muitas dificuldades. Chegou a ter um disco proibido porque o censor achava que suas letras empobreciam a língua portuguesa.

Para o crítico e pesquisador José Ramos Tinhorão, hoje radicado em São Paulo, numa época em que todos se preocupavam em copiar os modelos musicais do Rio de Janeiro, ele conseguiu romper esta barreira, levando tipos, situações e o modo de falar tipicamente paulista à música popular brasileira. Cercado de velhas revistas, livros e jornais antigos, que registraram os primeiros sucessos do "Charutinho" e outros personagens, ele atribui ao talento de ator de Adoniran a capacidade de levar estas informações para a música.

Todo o trabalho de Adoniran tem uma base de amor. Mesmo em épocas difíceis ao rondar os bares próximos às emissoras de rádio à procura de uma chance, nunca perdia a piada, chegando a considerar isso um defeito. Por causa do jeito brincalhão, muitas vezes não foi levado a sério, o que prejudicava sua carreira. Mas o humor também teve o lado da vantagem: não lhe permite guardar rancores e, muito menos dizer não a um amigo.

Para alguns pesquisadores, o trabalho de Adoniran só se popularizou graças ao interesse da Rádio Record, nos anos 40, em levar para São Paulo os grandes nomes da música nacional e internacional, dando um novo impulso à vida artística paulista, na época ainda muito ligada aos sucessos cariocas. A genialidade de Oswaldo Moles, descobrindo o ator Adoniran, foi outro ponto importante para este sucesso. A importância destes anos todos fizeram com que Adoniran seja conhecido por todos.

## O samba de São Paulo para o mundo



Na Norte-Sul Danças, uma gafeira do Brás, em São Paulo, quando o mestre de cerimônias da casa para a música e anuncia a presença no palco de Adoniran Barbosa, o "Charutinho", as palmas explodem e a alegria invade os salões misturando-se com a fumaça e o calor das noitadas do Brás. O Show vai começar. Página três.

X

# Metrô



# NEWS

no VI — São Paulo, 15 de maio de 1980 — Nº 683  
autor-responsável: Wanderley Simons Figueiredo. Distribuição gratuita nas estações do Metrô — VENDA PROIBIDA

## Adoniran canta com Clementina

Adoniran Barbosa e Clementina de Jesus, dois nomes importantes na Música Popular Brasileira, estarão se apresentando juntos, pela primeira vez, sábado e domingo, no Centro Cultural Equipe (rua Martiniano de Carvalho). As apresentações estão marcadas para as 20 horas e o preço do ingresso é de Cr\$ 60,00.





# Metrô



São Paulo,  
11 de fevereiro de 1982  
Ano VIII - Nº 865

Diretor  
responsável:  
Wanderley  
Simone  
Figueiredo

Distribuição Gratuita nas estações do Metro  
VENDA PROIBIDA

Tiragem desta edição: 200 mil exemplares

## NEWS

### MORE JUNTO AO JACANÃ



### E PEGUE O METRÔ DAS 11



**2 DORMS.  
PELO PREÇO  
DE 1.**



São Paulo, 22 de julho de 1982

**METRÔ-NEWS** - PÁG. 40

Construção e incorporação

**Hydrovolt**

Vendas



**SERGIO  
DOURADO**

Transformando o morar  
em bem viver.

Sede:

Av. 9 de Julho, 5750. São Paulo  
Tels.: (011) 280-7492, 280-7494 e  
883-0314.

# São Paulo perde o poeta que cantava a cidade: Adoniran.

Há pelo menos 12 anos Adoniran Barbosa se queixa de ter perdido a cidade. ("Até os anos 60, São Paulo ainda existia. Depois, procurei mas não achei São Paulo"). Hoje é a cidade - arrependida - quem se queixa por ter perdido Adoniran. Estes desencontros no caminho. Não, Adoniran, o frio não vem conforme o cobertor...

Mas, quem foi Adoniran? Como compreender este homem triste e alegre, paulistano, italiano e calpina, clássico e ousado...? O nome verdadeiro era João Rubinato. Adoniran Barbosa, que é como a cidade e a Música Popular Brasileira guardará, não passava de uma homenagem a um antigo amigo boêmio, Adoniran Alves, e ao sambista carioca Luís Barbosa. Não passava?

Passou. Quando saiu de Vallinhos, onde nasceu em 06 de agosto de 1910 rumo à Capital, João Rubinato, filho de imigrantes venezianos, sabia engraxar bem um sapato, tinha a indispensável lábia do bom vendedor, passava como ninguém uma boa mão de tinta na parede, mas, sobretudo, tirava sambas numa caixinha de fósforo. Adoniran sempre viveu em João Rubinato.

*Na cidade da garoa*  
Na Capital, em 1933.



João Rubinato cantou num programa de calouros da rádio Cruzeiro do Sul. Mas a voz rouca de sempre não vingou num tempo de Francisco Alves e Mário Reis, é claro. Apesar disso, conseguiu alguma coisa, trabalhando com Vicente Leporace, e Blota Júnior. Um dia, em 1934, foi apresentado a Otávio Gabus Mendes - pai de Cassiano, que hoje escreve novelas para a Rede Globo, como "Elas por Elas" da rádio Record. Otávio gostou daquele jovem de pequena estatura, uma alegria permanente estampada no rosto, pelo menos e o levou para trabalhar consigo.

A cidade da garoa o abrigava como jamais imaginara. Começou fazendo na Record, o programa "Zé Conversa", escrito por Osvaldo Moles, ganhando 30 mil réis por mês. Depois Moles passou a produzir outros programas, e Adoniran cantava, fazia humor e teatro. A esta altura, ganhou um concurso oficial da Prefeitura para músicas de carnaval, com a composição "Dona Bon", quando passou a usar o pseudônimo que guardaremos para sempre.

Em 1944 compôs "Malvina", música gravada pelo conjunto "Demônios da

*Se sente tristeza, se sente comigo, cantava o poeta Adoniran Barbosa, que já tinha sido João Rubinato. E ontem a cidade deu seu adeus a este poeta, ficou a tristeza e suas maravilhosas composições.*

Garoa", que o acompanharia por mais de 20 anos, até que o "Talismã" ocupasse seu lugar. No fundo, talvez sem sentir, os "Demônios" quase não deixavam espaço para Adoniran, que ultimamente dizia: "Agora eu ganho meus trocados cantando minhas músicas".

## Trabalho Original

Entre os anos de 1947 e 1962, Adoniran Barbosa viveu o período de maior trabalho de sua vida. Na rádio Record participava dos programas "Nossa Cidade", "Só para mulheres", e "Não diga alô", além de "História das Malocas", de Osvaldo Moles, onde interpretava o antológico "Charutinho". Também fez circo e cinema, chegou a trabalhar no premiado "O cangaceiro".

Tudo isso lhe garantia a subsistência. Mas era na música, que o gênio de Adoniran se sobressaía. Criou e difundiu um tipo de samba que, ao mesmo tempo, em que consagra os personagens que a cidade gera, imortaliza os lugares que o progresso tornará história.

A própria cadência do ritmo de Adoniran é original, um samba lento que nas

(CONTINUA NO VERSO) →





letras absorve a linguagem popular na sua expressão mais pura, mais simples. O verso "nóis fumo e não encontremo ninguém", do "Samba do Arnesto" - gravado também nesse período áureo da carreira de Adoniran, na década de 50 -, por exemplo, enfrentou a ira da censura na época, e, recentemente, no primeiro LP do compositor (1974), não pode ser incluído, sendo liberado apenas para o disco seguinte.

#### Ficção e realidade

Mas quem supõe a existência de um Arnesto que morava no Brás, saiba que o próprio Adoniran costumava dizer que jamais existiu, naquele bairro, tal personagem.

E que a música de Adoniran, ou, melhor ainda, seu processo de criação, abrigava tais recursos. A "Saúdosa Maloca", apesar de ter existido onde é hoje o Cine Aúrea, na rua Aurora, jamais foi habitada por ele. Só mesmo por Joca e Mato Grosso, os dois personagens da música.

"Trem das Onze", o maior sucesso de Adoniran, vencedor - imagine-se - do concurso de carnaval de 1965 promovido pela prefeitura do Rio de Janeiro, também nunca foi tomado pelo compositor. Ele, aliás - ou "linhás", como costumava dizer - nem sabia ao certo onde ficava Jaçanã. "Só precisava de uma rima para "amanhã de manhã", conta.

O trem que tomava, quando morava em Santo Amaro - isto é, antes de trabalhar em rádio - era o das sete e meia.

Contudo, se os personagens eram criados pela imaginação do autor, bem como as situações em que se envolviam, sua linguagem não podia ser mais realista. O que vale dizer que a música de Adoniran possui a virtude de mostrar a realidade a partir daquilo que não vemos, mas de uma maneira que entendamos. Sem dúvida, a marca do gênio, a qualquer nível.

#### Perdas

De cachecol, gravata borboleta e o inseparável chapéu Adoniran se queixava ao completar 60 anos, em 1970, que a cidade cantada e imortalizada por ele nalgumas de suas principais canções havia desaparecido. "Até os anos 60 São Paulo ainda existia. Depois procurei mas não achei São Paulo. O Brás, cadê o Brás? O Bexiga, cadê

o Bexiga? Afora as ruas 13 de Maio, Fortaleza, e Rui Barbosa, não achei".

A mágoa de Adoniran, entretanto, não se restringia a este "fim de São Paulo". Durante anos, décadas, o compositor foi a principal fonte de sucessos dos "Demônios da Garoa", e de outros cantores. Mas só gravou seu primeiro LP em 1974. O último, lançado em maio de 1980, com produção de Fernando Faro, porém, foi uma verdadeira - tardia? - homenagem. Dele participaram Clementina de Jesus, Gonzaguinha, MPB 4, Clara Nunes, Djavan e Elis Regina... Era tarde?

Decepcionado com os novos, que o acusavam de "ultrapassado" - exceção feita a Chico Buarque e Roberto Ribeiro -; pobre, segundo sua mulher, Matilde de Luttif; morando numa cidade estranha que lhe era a São Paulo destes dias; Adoniran adoeceu há menos de um mês. E na tarde da última terça-feira surpreendeu novamente a cidade. Quería ir para a casa, mas foi para o céu. Lá, apesar de tudo, com certeza se unirá a Mário de Andrade e Álvares de Azevedo, outros poetas que cantaram a cidade ingrata. Agora, São Paulo, é tarde para arrependimentos. Estes desencontros no caminho. Não, Adoniran, o frio nunca vem conforme o coberto



# Na TV, retrospectivas, Chico Anísio, Adoniran Barbosa...

*Das tradicionais retrospectivas (onde, a nível nacional, a tônica será o pleito de 15 de novembro) até as homenagens, como a prestada a Adoniran Barbosa, a TV estará com muitas atrações nestes dias, inclusive a corrida de São Silvestre, desta vez também transmitida pela Globo.*

Cultura recorda Adoniran



## SEXTA-FEIRA CULTURA

No dia 23 de novembro deste ano, o samba paulista - e nacional - ficou de luto. Morria Adoniran Barbosa, aos 72 anos de idade, e com ele desaparecia também o principal poeta popular da cidade de São Paulo. O genial artista urbano, cujo nome verdadeiro era João Rubinato, cantou a selva de Pedra, destacando o cotidiano paulistano, o trem do subúrbio, os bairros com características marcadamente italianas, como o Bixiga, o Brás, a Moóca. O último disco do compositor, poeta e cantor Adoniran Barbosa foi lançado em 80, "Adoniran Barbosa", onde compareceram, além do poeta paulistano, Clementina de Jesus, Carlinhos Vergueiro, Ellis Regina, Djavan, Gonzaguinha, Clara Nunes, MPB-4, Roberto Ribeiro, Vânia Carvalho e o conjunto Nosso Samba. Hoje, 21h00, a emissora presta uma homenagem a Adoniran Barbosa, reunindo todas as gravações que ele realizou na Cultura, entre elas, o "Vox Populi", quando responde com bastante humor às perguntas do povo. Cantor e cronista da vida paulistana, Adoniran criou também uma linguagem própria, que segundo ele, era falada pelos moradores dos bairros centrais de São Paulo. Ele dizia, "o povo não fala nós fomos, mas nós fumo". Ele foi ajudante de

carregador de vagões, tecelão, faxineiro, ajudante de cocanador, pedreiro, mascate e garçon. Chegou à Rádio Cruzeiro do Sul em 1930, depois de vencer um concurso de calouros, e em 34 transferiu-se para a rádio Record, onde conheceu Otávio Gabus Mendes. Otávio levou-o para fazer um programa, "Zé Conversa", escrito por Oswaldo Moles, onde cantava, fazia teatro e humorismo. Desde 35, Adoniran fazia sambas para carnaval, destacando-se a composição "Vila Esperança". Na Record fez "Serões Domingueiros", "Barborinha mal-educada da Silva", "Escola risonda e franca". Na década de 50 gravou "Saúda Maloca", que teve bastante sucesso com o conjunto Demônios da Garoa", logo seguido de "Samba do Arneste", duas músicas onde o compositor deixou sua marca registrada, o seu estilo de fazer música como uma crônica da cidade. Mas, o grande sucesso de Adoniran só viria em 65 com "Trem das Onze". A emissora também reuniu alguns críticos de música, cantores e compositores que conviveram com Adoniran e que vão falar de sua vida, sua carreira, sua obra.



# Até domingo, diversas opções no Centro Cultural São Paulo



*A oportunidade de  
recordar  
Adoniran  
Barbosa, no  
Ir e  
Ouvir, no  
sábado.*

— "Ir & e Ouvir": audição em que o público, munido de material que acompanha a gravação em estilo radiofônico, conhece mais de perto composições de Adoniran Barbosa e fica sabendo de momentos significativos de sua vida. A presença de monitores incentiva e torna os comentários mais dinâmicos. No auditório, às 16 horas, com entrada franca.

X

METRÔ-NEWS  
São Paulo, 19 de Maio de 1983

PÁGINA 07

DIA 10 de Junho, 21H00, acontece mais uma homenagem a Adoniran Barbosa, desta vez no bairro do Pari. Nessa noite, haverá a inauguração de um bar com o nome do falecido compositor e um show de apresentação de uma música da compositora Fatinha em homenagem ao autor de "Trem das Onze", a viúva de Adoniran, dona Matilde, estará presente.



DIÁRIO OPICIAL DO  
ESTADO DE SÃO PAULO

- 1984.....135

# Diário Oficial

ESTADO DE SÃO PAULO

v. 94

n. 172

São Paulo

terça-feira, 11 de setembro de 1984

## LEI N.º 4.221, DE 10 DE SETEMBRO DE 1984

*Dá a denominação de "Adoniran Barbosa" à Escola Estadual de 1.º Grau do Jardim Novo Mundo, em Valinhos*

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Faço saber que a Assembléia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1.º — Passa a denominar-se "Adoniran Barbosa" a Escola Estadual de 1.º Grau do Jardim Novo Mundo, em Valinhos.

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 10 de setembro de 1984.

FRANCO MONTORO

Paulo Renato Costa Souza, Secretário da Educação

Roberto Gusmão, Secretário do Governo

Publicada na Assessoria Técnico-Legislativa, aos 10 de setembro de 1984.



JORNAL    TRIBUNA    PAULISTA

-1982 .....139

X  
Jornal-  
tribuna Paulista  
27/11/82

idade Socie



ADONIRAN  
BARBOSA

O "Trem das 11" partiu às 17 horas, do dia 25, depois de lento percurso até a quadra 7, túmulo 58, do Cemitério da Paz, no Morumbi. Era o adeus de Adoniran Barbosa, o compositor

e cantor da cidade, que tanto amou São Paulo e tanto contribuiu, como bem poucos, para o enriquecimento da nossa música popular.



DIÁRIO COMÉRCIO E INDÚSTRIA  
(1973 e 1974)  
índice

-1973.....	143
-1974.....	145

# AS MUITAS FACES DO CHICO BELO

Ele decora script com a seriedade de um ator de longa carreira. Concentra-se no personagem como se fosse o maior adepto do método Stanislavsky de interpretação. E entra em cena com a simplicidade de um novato. Em dois segundos de fala, o espetáculo é seu. Altera o script, introduz cacôs, exterioriza em exagero e passa todo o personagem, como se ator fosse apenas um brincalhão, como se dizer um texto nada mais fosse que contar uma história num bar de bairro. Assim é Adoniram Barbosa, alguém que nunca fez tipo, e que é sem dúvida um dos grandes artistas de São Paulo.



Quem não conhece Adoniram Barbosa? Qualquer paulista que se preze já cantou pelo menos uma vez na vida o "Trem das Onze". E também "Saudosa Maloca", "Joga a Chave", "Samba do Ernesto", "Perdoar é pra Deus". O que poucos conheciam — até "Mulheres de Areia" — é o ator Adoniram Barbosa.

— Já fui ator de "Cenário contra 007", de Marcos César, a primeira novela humorística que se fez no Brasil. Entrei em novela porque vivia pelos corredores da TV-Record pedindo uma oportunidade como ator. Um dia vim passar na Tupi, rever os colegas, e o Carlos Zara — que é um grande coração — me chamou e perguntou: "Quer fazer um papel em 'Mulheres de Areia'? Antes que ele se arrependesse, aceitei. E foi daí que nasceu o Chico Belo.

O personagem Chico Belo confunde-se com Adoniram em muitos aspectos. Usa o

mesmo "idioma" que ninguém entende. E passa, com igual facilidade, do riso ao choro. E em Adoniram ou Chico Belo, uma coisa ou outra comovem.

— Mas Chico Belo sou eu. Me sinto bem no papel que a Ivany Ribeiro criou para mim. E só posso dar o melhor de mim. Adoro a Tupi, os colegas, o convite que me fizeram.

E há momento em que Adoniram se sente cansado. Afinal, entre compositor, humorista, ator de cinema e televisão, júri de programa de auditório ou estúdio e cantor, lá se vão 30 anos. E é com seu jeito confuso e espontâneo, que Adoniram fala de passado.

— Me sinto cansado, às vezes desanimado. Mas não faz mal. Tá bom assim. Meu temperamento varia muito, sabe? Há dias em que me sinto com muita vida, muito contente, há outros que não. Tenho 43 anos de rádio. Os 30 que você fala são apenas de Record. Mas isso

não quer dizer nada. Ainda faço meus sambas, tomo parte nos programas de televisão. O que tenho é muita força de vontade. Sabe que é difícil eu me entregar? Difícil, não. É impossível.

## O COMPOSITOR

As duas últimas composições de Adoniram Barbosa são "Acende o Candeeiro" gravação dos Demônios da Garça, e "Cuidado Jenjeia", esta última em parceria com Hervé Cordovil. E falando no compositor, Adoniram conta seu começo na Record.

— Eu trabalhava na Rádio Cruzeiro do Sul com Blota Júnior, Vicente Leporace e Sagramor de Scruverre. Numa inauguração de um restaurante ou casa de moda, não me lembro bem, encontrei-me com Otávio Gabus Mendes. A Sagramor me apresentou a ele e logo começamos a conversar. Ele tinha ouvido um programa de sambas que eu fazia no sábado de manhã e os de humor, à noite com Blota e Leporace, e me convidou para tentar teatro nos "Serões Domingueiros". Era novembro de 41 e eu comecei na Record ganhando vinte mil réis de cachê.

Nessa época Adoniram era cantor de samba antes de tudo. Depois passou a humorista. Em pouco tempo fez amizade com um colega, Barreto Machado. Conseguiu que repartisse o orde-

# DCI - 2

São Paulo, 21 de dezembro de 1973

(CONT. NO VEM)



DCI-2  
S.P.-21/12/73



nado com ele e, antes do fim de 1941... Adoniram já ganhava 500 mil réis.

— Era a metade do ordenado do Barreto Machado. Sujeito lindo! Já morreu, coitado. Deve estar no céu. Com esse ordenado fui vivendo, fazendo outros serviços. Tornei-me ídolo das crianças. Com o programa "Crime não Compensa", fiz sucesso até 1954. Nessa época passei a fazer "Histórias das Malocas". Quando a Record começou com televisão, fui na onda. Novela mesmo só bem depois em "Tilim", com a Wanda Kosmo. Gostou de mim a Wanda, sabe?

É nessa história toda, Adoniram só foi compor seu primeiro samba em 1947. Disse ele que já havia feito outros sambas, mas «Aza Negra» foi o primeiro sucesso, com gravação pela Continental. Em 1950, «Malvina», com gravação dos Demônios da Garça. Depois «Joga a Chave», «Segura o Apito», «Perdoar é prá Deus», «Apaga o Fogo Mané».

#### TREM DAS ONZE

— «Trem das Onze» é de 61. A música recebeu aclamação popular. O Chacrinha promovia muito e conseguiu ser sucesso no carnaval de 63. Depois saiu o «Arnesto». Foi nessa época que o Vinícius escreveu que São Paulo era o túmulo do samba e que eu não fazia samba. O Sérgio Porto res-

pondeu por mim, dizendo que eu não falava em morro, mas fazia samba, samba paulista. Depois o Vinícius parou de falar mal de mim. Ficamos amigos e depois parceiros. Fizemos o «Bom Dia Tristeza», que teve gravação da Araci de Almeida, da Maysa, da Elizeth Cardoso, de tanta gente!

E depois disso tudo, depois de ter feito até sucesso internacional com «Trem das Onze», é de se perguntar a Adoniram Barbosa se ele ficou rico. Afinal foram 45 anos de carreira, 30 só de Record, muitos discos vendidos, programas humorísticos, novelas!...

— Não, não fiquei rico. Não deu nem pra começar a ficar rico. Fiz circo, entre 60 e 64, e ganhei uma notinha. Construí com ele minha casa. Era minha mulher que guardava o dinheiro e ele deu justinho para construir a casa no Jardim Prudência, um pouco depois do Aeroporto. Carro eu tive uma época. Batii o carro, chamei um cara que passava e disse: «Vem cá, dá trezentos contos». O cara deu o dinheiro e levou o carro. Só cixi que antes ele chamasse a ambulância. Mas tenho muitos troféus: Roquete Pinto, Tupiniquim e o de campeão carioca do carnaval do IV Centenário. Quer dizer: só daqui a cem anos vai robarer outro. Aié lá sou eu. Ah, e tenho a Ordem do Jogral. Foi o Luis Carlos Paraná quem me deu.

# ADONIRÃ EM DISCO

Pode parecer até inacreditável, mas na verdade é o primeiro Lp da carreira de Adonirã Barbosa, tido e havido como um dos imortais da música popular brasileira. Colocado há dias, pela Odeon, nas lojas, o disco teve esta semana, finalmente, seu lançamento oficial. A festa — foi festa no duro — aconteceu no Opus 2.004, uma das mais novas casas noturnas da rua da Consolação e teve show especial de Adonirã, sem falar na presença de muita gente famosa do mundo dos discos e da televisão.

Depois de muitos anos de carreira, de ter sido humorista, cantor, compositor, ator, parceiro de gente famosa e importante, de fazer de tudo enfim, Adonirã Barbosa acabou "artista de novela". Estreou — e bem — como o Chico Belo de "Mulheres de Arria", de Ivani Ribeiro, e atualmente faz o Domingão de "Os Inocentes", da mesma autora, ambas telenovelas da programação da Tupi. Vez por outra, em raríssimos capítulos das novelas, Adonirã mostra um pouco de sua categoria de compositor, mas a verdade é que já havia gente esquecida e outros — mais jovens — que nem sua música conheciam. Foi talvez pensando nisso que a Odeon resolveu reunir seus maiores sucessos em um único Lp, o primeiro da carreira do compositor e cantor Adonirã Barbosa.

E o difícil é entrevistar Adonirã. Primeiro porque, fato sabido, ele não é amigo de entrevistas. Pelos corredores e cantos de estúdio da Tupi, ele vive em intermináveis conversas com os colegas, mas cala-se à aproximação de qualquer jornalista bisbilhoteiro. Nem mesmo agora, ocasião do lançamento de seu primeiro Lp, foi possível arrancar mais que um

"estou muito contente" de Adonirã.

Foi por isso que a Odeon não pensou duas vezes. Colocou o disco nas lojas, esperou uma ou duas semanas e convocou Adonirã para o lançamento oficial com a presença de colegas, amigos e imprensa. Foi o que aconteceu ontem à noite no Opus 2004, casa especializada em jazz, localizada no antigo Buzuki, na rua da Consolação.

A Odeon está confiante no lançamento do disco. Na própria carta-convite, deixa transparecer todo o seu entusiasmo: "Adonirã Barbosa acaba de gravar seu primeiro Lp que já está nas lojas e promete ser um dos melhores lançamentos deste segundo semestre. O disco foi feito com muito carinho e o resultado desse trabalho é realmente excelente em todos os aspectos, tanto técnico, como humano".

A direção musical foi de Milton Miranda; os arranjos do maestro Briamonte, e a gravação ficou a cargo de Zilmar Araújo. O trabalho de capa foi dos melhores e as fotos são de Rita de Cássia. Entre as faixas, naturalmente o maior sucesso de Adonirã: "Trem das Onze". E também "Saudosa Maloca", o samba paulista inteiro.



Adonirã Barbosa lançou seu Lp na noite de ontem no Opus 2004



09/08/74

PAG. 16 2º CADERNO

## PEQUENA HISTÓRIA DE JOÃO RUBINATO

João Rubinato nasceu ai pelos idos de 1910, em Valinhos (SP) e foi o sétimo filho de uma família de imigrantes venezianos. Irrequieto e engraçado, já fez de quase tudo na vida. Ainda menino, em Jundiaí, dividia seu tempo entre o grupo escolar e o trabalho de ajudar o pai a carregar os vagões da antiga estrada de ferro São Paulo Railway (hoje Santos a Jundiaí). Pouco depois, porém, abandonava escola e deixava de ajudar o pai para arranjar um emprego de entregador de marmitas do Hotel Central (no caminho, «afanava» pastéis e bolinhos, depois de fazer cálculos e mais cálculos e verificar que não iria faltar nem pastel nem bolinho para ninguém nas casas em que entregava as marmitas); depois, trabalhou numa fábrica de tecidos, como varredor; em 1931, vamos encontrá-lo morando em Santo André, onde foi tecelão, pintor de parede, encanador e serralheiro. Mas João Rubinato achava o trabalho pesado e resolveu mais uma vez mudar de profissão: transformou-se em mascate e vendia meias e retalhos de tecidos nos bairros pobres da cidade. Foi justamente nessa época que começou a compor: a inspiração vinha enquanto andava à procura de fregueses e lá ia ele solfejando pelas ruas, com sua voz rouca — aialá o que faz até hoje. Depois de ser mascate, o irrequieto Rubinato foi ser garçon, tendo encontrado emprego, aqui em São Paulo, na residência de Pandiá Calógeras. Depois deste emprego, ele ingressou no Liceu de Artes e Ofícios para aprender a profissão de metalúrgico-ajustador, mas o trabalho prejudicava sua saúde, o que o levou a exercer o ofício de entregador de uma loja de ferragens, na rua 25 de Março. Nessa época, começou a conhecer gente de rádio e a participar de programas de calouros, no que não lhe ajudava a voz rouca: era só começar, e lá se ouvia o gongo. No entanto, não desistia, até que um dia conseguiu ir até o fim e foi contratado para cantar. Foi ainda locutor, fez seu próprio programa, era uma espécie de disc-jockey. Em 1935, de parceria com Jota Ambrós, ganhou o prêmio de 800 mil réis num concurso de músicas de carnaval, com a marcha «Dona Boa». Foi quando adotou o pseudônimo pelo qual é conhecido por todo o País: Adoniran Barbosa. E aí, não se precisa dizer mais nada dos seus sucessos, que são inúmeros. Sua música é uma crônica, uma reportagem da cidade de São Paulo e de seus tipos. Pois bem, Adoniran Barbosa gravou, agora, o seu primeiro disco, ele próprio cantando. Trata-se de LP documental que a Odeon lançou e no qual se reconhece, na produção, o dedo de Peão (João Carlos Botelho), que antes já



produziu Nelson Cavaquinho e Cartola. É um lançamento que, infelizmente, não cumpriu por inteiro a sua missão de documentário: não há, nem na capa (ilustrada com uma foto de gosto duvidoso) nem na contracapa (ilustrada pela nostalgia dos chopet a 200 réis, que aparecem no reclame de um bar na fotografia antiga de São Paulo) um só dado sobre o excelente cronista musical do dia-a-dia paulistano. Ora, Adoniran cantando só é válido mesmo como documento. E, como tal, sem informações que esclareçam os meios avisados, o disco se torna incompleto. O que, no entanto, não invalida a intenção da gravadora, nem diminui a importância do lançamento. Vale a pena ouvir — é uma lição mesmo — a pena ouvir — é uma lição mesmo — Adoniran interpretando o seu suave «Bom Dia Tristeza» que ele fez para um poema de Vinícius de Moraes, a quem não conhecia pessoalmente: a letra chegou-lhe por intermédio de Araci de Almeida, que a recebeu de Vinícius, nessa época em Paris. Os arranjos da gravação estiveram a cargo do maestro José Briante e são excelentes, sobretudo o da faixa citada acima. Um disco para colecionadores e interessados na história da nossa música, mas que comete o pecado de não trazer, como já disse, um só dado sobre o autor a quem homenageia. Razão pela qual diminuo-lhe uma estrela na cotação. Faixas: «Abrigo de Vagabundo»; «Bom Dia Tristeza» (com Vinícius de Moraes); «As Mariposas»; «Saudosa Maloca»; «Aracemas»; «Já Foi uma Brasa» (com Marcos César); «Trem das Onze»; «Prova de Carinho» (com Hervé Cordovil); «Acende o Candeiro»; «Apaga o Fogo Malinês»; «Véspera de Natal»; e «Deus te Abençoe». COTAÇÃO:\*\*\*

EQUIPE      ARTÍSTICA

- 1954.....149



Página 7  
ARTISTICA - EQUIPE - 30 de novembro de 1954

# ADONIRAN BARBOSA ESIA ANDIUUU PARA VIVER "ANTONIO CONSELHEIRO"

Em uma noite da semana passada, o apreciado conjunto vocal "Demonios da Garoa", da Radio Nacional, preparava-se para gravar o primeiro acetato da "Travador", nova marca de discos. Concluídos os últimos ensaios, o encarregado da técnica, lá do alto de sua janelinha envidraçada, dá o sinal de praxe.

Segue-se um silencio absoluto, com seu quê de solejidade. Ia começar a gravação.

Um cavacinho afinado rompe os primeiros acordes, logo seguidos de outros, dados pelos demais instrumentos e pelo coro, com acompanhamento da bateria.

E a letra brejeira, de um samba rasgado para o Carnaval que se proxima, enche o salão:

Abriu a Janela  
Não me viu  
Fechô, dormiu

rios: "O montante dos remios se foi, mas em compensação ganhou muitos amigos", diz Adoniran, definindo assim um traço característico da filosofia que adotou para o uso quotidiano. Recentemente, Adoniran Bar-

Reportagem de  
**ODETE SANTOS**  
Fotos de  
**DARIO TERINI**

bosa lançou o samba-canção "Não faz mal, Não Tem Importancia", em parceria com Vicente Leporace.

E à pergunta: — "Qual sua musica mais inspirada?", responde:

— Uma que nunca foi premiada. "Joga a Chave", de 1952.

"Vale quanto Pesa", "O Crime não Compensa", "Lá vem o Brasil", "O Que a Vida Tem de Bom".

— Meu maior sucesso artistico? Como "Barboinha" (parota levado da breca) na "Escola Ritinha e Franca", programa que a Record apresentou com sucesso durante tres anos.

"O SERTANEJO" SERÁ FILMADO

Depois de ter sido Moisés Rabinovich em pequenas papéis em "Pi-Paf" e "Caldes do Céu", da "Cinedia", o cinema apresentou a Adoniran outras oportunidades: — Lima Barreto contou-lhe em "O Cangaceiro" o papel de "homem-arsenal" (aquele que dá uma estilingada em Neusa Vera). Na "Vera Cruz", interpretou ainda o prof. Pancrácio em "Candinho" e um barbeiro em "Esquina da Rua".

**"Abriu a Janela" fará sucesso no Carnaval? — Adoniran acredita em Lima Barreto e acha que "O Sertanejo" se tornará realidade — Como cria seus tipos o humorista da Radio Record**

Passei no bar da esquina  
E comprei para a menina  
Uma dúzia de maçãs  
Enquanto fazia o embrulho  
Fizesse um, tofei outro  
Quando vi, era quase de manhã

Para os fãs de 55, estava gravado o samba "Abriu a Janela", de Adoniran Barbosa e Frederico Rossi.

Adoniran, que o publico tão bem conhece como criador de tipos humorísticos no radio e no cinema, e que ainda recentemente Lima Barreto transformou no "homem-arsenal" de "O Cangaceiro", tem fé na "carreira" de "Abriu a Janela" no próximo período carnavalesco. "Um parquinho de pretos da Barra Funda é que me inspirou a letra do samba", diz ele, explicando: — "O rapaz ia visitar a moça, mas começava a beber e as horas iam passando...".

### PREMIOS E CHOPADAS

Além, Adoniran Barbosa — parceiro na autoria de duas musicas premiadas em carnavais passados — já tem tarimba no assunto. Sua primeira composição foi "Dona Boa", marcha que obteve o 1.º lugar no concurso promovido pela Prefeitura de São Paulo em 1953, e os equivalentes 500\$000 (bom dinheiro, aquela época). O cheque foi entregue no antigo "Teatro Boa Vista" e algumas horas depois se havia diluído em chopada comemorativas da vitória. "Malvina", de 1951, valeu-se um "BON-ECO" acompanhado de 10.000 pratas — também "torradas" na hora, segundo o mesmo destino do premio ante-

### REVELA-SE O HUMORISTA

Os sambas sempre foram a marcia de Adoniran Barbosa, desde a época em que começou na antiga Cruzetiro do Sul (1938). Sempre abria seus programas cantando (pois ele era cantor) "Filosofia", de Noel Rosa. Depois passou pela Kosmos, Difusora, voltou à Cruzetiro do Sul. Até que em 1941 foi para a Record, onde embora a principio ainda cantasse, já ingressou principalmente radindor comico, genero a que se mantém fiel até hoje. Como tambem se conserva firme na Record.

— O Osvaldo Moles (eufo da FEB-9) é quem achou que eu dava mais para falar do que para cantar. E criou para mim o quadro "Zé Converter" — pretinho da Barra Funda. Depois passou a viver tipos de francês, inglês, italiano, judeu, «rio, todos populares, que se podem encontrar ali na primeira esquina.

— Como cria seus tipos? — Geralmente fecho os olhos e "vejo" na imaginação o sujeito falando como eu deverei falar no interpreta-lo. Observo ainda conversas de rua, para ter na memoria tipos e expressões populares com o cunho de realidade, quando preciso deles.

— Os tipos caricatos que mais gostei de interpretar? O francês Jean Robinet, no quadro de Moles "O Cinema da Vida". E tambem o judeu Moisés Rabinovich, que depois levei para o cinema. Tambem aprecio Gijo Magnagatti, o italiano calpira que agora interpreto no programa "Sítio do Tangará". Além desse, atualmente participo de varios da Record quase sempre papéis comicos: — "Feira de Diversões",

Ao imaginar o antecipadamente famoso "O Sertanejo", Lima Barreto reservou para Adoniran Barbosa o importante papel de "Antonio Conselheiro".

— Dou-me muito bem com o Lima, que é meu amigo há muitos anos — diz nesse entrevistado, proseguindo: — "Confio nele cem por cento e sei que o filme sairá. Possivelmente, até lá para o mês de março o elenco seja convocado para seguir em locação para a Bahia, local das filmagens, pois o Lima já "sabe onde está o dinheiro" necessário (12 milhões)".

Adoniran já leu "Os Sertões" inteiro. Até mesmo a primeira parte (A Terra), que achou "muito cacete". Julga o estilo de Euclides espinhoso, apesar de belo. A parte em que surge o Conselheiro, leu-a quatro vezes para bem captar a personalidade complexa do "profeta" do sertão. Quanto ao "script" do filme, já o estudou varias vezes, considerando bello e de grande força dramatica os seus dialogos, usados em linguagem propria dos habitantes da região e revisitos por um filólogo especializado em regionalismos nordestinos.

### ANTONIO CONSELHEIRO

— "Antonio Conselheiro" não será a personagem principal da pellicula — esclarece ainda — já que as honras do enredo vão para retratar o sertanejo que "antes de tudo é um farto". Mas constitui um papel importante, e com ele Lima criou um grande tipo cinematografico, uma coisa louca. Meu teste para o filme já foi aprovado.

Como "Antonio Conselheiro" Adoniran Barbosa terá a seu cargo cenas de intensa dramaticidade. Ora místicas, ora violentas, ora pregando dogmamente, como um iluminado, ora reclamando com furia "sangue de inocente" para resgatar os erros dos homens. Será um papel duro que porá à prova suas qualidades para a interpretação dramatica.

(FOTOS NO VERSO)

Por isso mesmo, conseguirá grande portunidade de uma carreira artistica. Natural, pois, que Adoniran mostre "entusiasmado e apaixonado" para viver o "Conselheiro", quanto espera que "O Sertão" passe do roteiro e do papel de seu amigo, o "fotô" Lima Barreto, para a realidade das imagens.





Para o carnaval de 54, nasce "Abriu a janela": Adoniran trata a melodia, Frederico Rossi (parceiro) transpõe para o piano e a locutora Maria Lucia observa. Dias atrás os "Demônios da Garoa" gravaram o samba em disco Trovador.



Outra faceta da "bossa" artística de Adoniran: construtor de lampêdes de moedas ("hobby" para horas vagas).



O futuro "Antonio Conselheiro" lê o "script" de "O Sertanejo", enquanto "Mosquito" finge que acompanha a leitura...



R A D A R  
(1950 e 1951)  
índice

- 1950.....	153
- 1951.....	155

# Mais um sucesso esportivo e artístico na cordialidade Nacional-Record

EMPATE DE DOIS TENTOS, NO GRAMADO DA RUA JAVARY -  
UM "SHOW" DE CONFRATERNIZAÇÃO QUE FICOU MORANDO  
NA SAUDADE DOS PAULISTANOS - A RETRIBUIÇÃO PRB-9  
SERÁ A 15 DE NOVEMBRO



A LINDA STACANTE DA RECORD. MARIO BONS, BION, OTAVIO MUNIZ e Adoniram

Bravos! Bravos às turmas da Rádio Record e da Rádio Nacional, pela repetição das visitas iniciadas no ano passado. O 7 de setembro que passou foi mais um marco aduzível nas boas relações entre radialistas do Rio e de São Paulo, na continuidade dum plano magnífico que merece maior regularidade. Como em 49, a Nacional mandou uma brilhante delegação à terra da garça. A retribuição PRB-9 será a 15 de novembro, lá na "Cidade Maravilhosa".

## A TURMA CHEGA, JOGA, FAZ "SHOW" E DEIXA SAUDADES

O pessoal da Rádio Nacional foi chegando às turmas. Uns vieram de trem, outros via avião. No grande feriado nacional, houve aperitivos, grandes abraços, fotografias à beça, porque a ocasião era mais do que propícia.

À tarde, no gramado do Juventus houve o "sensacional embate" entre equipes de craques do microfone e da pelota. Uma torcida magnífica afluía à sede da rua Javary, aplaudindo os honeráveis-em-campo como as multidões fazem nos gramados do Pacaembu ou de Maracanã. Aquelas noventa minutos regulamentares puseram em tensão as torcidas. Os campeões da popularidade radiofônica desdobraram-se em "ases" do pébola e o resultado foi notável para ambos os lados: um glorioso empate de dois tentos. Para a equipe da Nacional, marcaram Lauro Barbosa e Castro Barbosa; para as cores da Record, assinalaram Otavio Santiago e Otavio Muniz. A Record "botou em campo" um time assim: Chico Peca, Otavio e

Garcia Neto; Mario Sena, Gabriel Migliori e Zé Fidelis; Mario Zam, Briza Junior, Randall Juliano, Otavinho e Adoniram Barbosa. Otavio Muniz entrou no segundo tempo... pra aumentar o "placard".

À noite, no cinema Odeon, houve o Grande "Show" de Confraternização, com uma assistência mais do que enorme. Sob a animação personalíssima de Blota Junior e Cesar de Alencar, desfilaram casta-

zes da vanguarda, Euzia Borba, Isaura Garcia, Lauro Borges & C., Barbosa, Osvaldo Elias, Zé Fidelis, Blecaute, Neyvis Fraga, Stelinha Egg, Roberto Amaral, Nello Pinheiro, Ivo de Freitas, Jorge Gouart, Adoniram Barbosa, Brandão Filho, Mario Sena, Simone de Moraes, Rosita del Campo, Belinha Silva, os mestros-pianistas Gabriel Migliori e J. Gaia, além do Armandinho com o seu Regional PRB-9.

Foi um grande 7 de setembro, esse de 1950, com a segunda visita de cordialidade da Rádio Nacional à Rádio Record. Aquelles dois a dois, no campo do Juventus, mostraram esplendidamente o equilíbrio de forças esportivas, equilíbrio continuado no "show" noturno, quando o público paulistano aproveitou à beça pra ver muita gente de cartaz, junta, divertindo todo mundo.

A Rádio Record retribuirá a visita da PRE-8 no dia 15 de novembro vindouro. Ai é que vamos ver: perdurará o equilíbrio esportivo ou um lado qualquer levará vantagem nas redes?



Intersolito "enfesa" durante o jogo com Adoniram e Mario Bons



Lo Paulo, de 22 a 23 de Dezembro de 1950

RADAR

# OS VENCEDORES NO RADIO

## RADAR escolhe seus preferidos nas varias atividades radiofonicas durante o ano de 1950



NELSON DE OLIVEIRA

RADAR tambem quer ter o prazer de, bem ao seu modo, sem injunções de amizade, proclamar os valores salientes do radio paulista, neste crepusculo de 1950. Fixamos a nossa mesa redonda. Ento, presentes, Clóvia de Azevedo, Denis Eison e Egas Múmia. Votando democraticamente, os cronistas que se ocupam do Radio em RADAR completaram essa relação alfabética, certos — ou na esperança — de haverem apontado nomes e realizações que, de fato, melhores esculpidos aquinharam nos 12 meses do ano que se finda. Para nós, é a justa consagração à capacidade e relativa — à dedicação pelas coisas — mais convictos do mesmo — enfim, os nossos abraços e parabéns a quem, por seus mé-

ritos, ganharam a gloria da simpatia, do prestigio e da tão disputada popularidade.

RADAR não vai ficar, só, nesta proclamação. Queremos e teremos uma bonita festa de confraternização, para que vivamos, juntos, esse prazer de valorização honesta. Votos de quem vê o radio dia-a-dia. Releva para incantivo, não bajulação de vaidades. E esperamos, para 1951, um quadro de valores igualmente positivo. Talvez estes mesmos nomes. Ou outros, — porque a honra é de revelações — a hora é de todos. A vocês, amigos abraço pelas victorias conquistadas em 1950.

- Locutor comercial: Nelson de Oliveira
- Locutor esportivo: Pedro Leit
- Animador: Eliota Junior (unanimis)
- Radio-Ator (dramático): Binósio Azevedo
- Radio-Atriz (dramática): Lia Aguiar
- Radio-Ator (novela): Walter Foster
- Radio-Ator (novela): Lia de Aguiar
- Interprete humoristica: Raquel Martins
- Interprete humoristico: Adoniran Barbosa



LIA DE AGUIAR

Humorista: Pagano Sobrinho  
Mestre: Gabriel Migliore  
Arranjador: Osmar Milani (unanimis)  
Diretor de jazz: Totó  
Orquestra: da Radio Gazeta  
Jazz: Silvio Marzuo  
Regional: Rogo

Conjunto vocal: Titulares do Ritmo (unanimis)  
Cantor de musica popular (nacional): Osmi Silva  
Cantora de musica popular (nacional): Isaura Garcia  
Cantora de musica popular (internacional): Romeu Feres  
Cantora de musica popular (internacional): Dolores Barrios  
Discotecario: Fausto Macedo  
Programador: Oswaldo Moles  
Novelista: Oduvaldo Vianna  
Melhor programa institucional: Hora ao merito (unanimis)  
Melhor programa de auditorio: Não diga só

OSWALDO MOLES



mos cinco nomes a serem por unanimis: Eliota, Escalzas, Paulo Luis, "Hora ao Merito" e Radio E... Sobre "estação-mulher-bem" não quisemos apontar a "mulher estação", mas apenas aquela que mais progrediu na período de 1950.

## OS MELHORES DE 50

## Valinhos produz um Frégoli

Adoniran Barbosa criou ao microfone da Record mais de dez tipos que ficarão na história de nossa radiofonia — A experiência da vida servindo à verdade artística

Miroel Silveira

Os fãs de Adoniran Barbosa dizem perguntar a si mesmos aquilo que um dia já me perguntei: "Onde será que esse homem vai buscar tantos tipos diferentes, todos tão verdadeiros?"

O próprio Adoniran aqui está, diante de mim, respondendo à pergunta que eu me formulara quando fielmente escutava os programas da Major, em Santos, num cansativo repouso obrigatório que aqueles tipos alegres mitigavam.

— Olhe, a vida ensina muita coisa. Sabe quantas profissões já tive? Deixe ver. Almozarife... oficial mecânico... entregador de marmittas... tecelão... encanador, ferragista... marceneiro... pintor de paredes... balconista, pagabundo... Ah! isso não é profissão, mas dá para a gente passar cada fome!

A enumeração, apenas iniciada por Adoniran, trilha longo ao quisquitoso esmaecer um pouco mais. Para quê? Estava explicado o feno-

meno daquela multiplicidade; ele viveu muito, em ambientes os mais variados, e soubera observar. Fora colhendo, ao longo de uma existência acidentada, elementos conscientes que projetava, depois, nos interessantes tipos que os programadores lhe confiavam.

— Nasci em Valinhos, mas não sou uma não senhor. Enquanto pude, vivi em ambientes rurais ou suburbanos. Essas profissões, e outras que a gente não conta porque a Polícia anda solta por aí, foram exercidas em Jundiaí, Santo André ou São Caetano. Só depois, quando não aguentei mais e baixou em mim o espírito do demônio que furou fazer de mim um artista, é que vim e fiquei em São Paulo. Nesse tempo, minha casa de veraneio noturno era

algum banco de praça ou o vão de escadas nas residências adormecidas da rua Consolação. E fazia regime! Nem o dr. Silva Mello ou o dr. José de Castro Inaurariam coisa melhor: pastéis e cachaca... quando possível.

Adoniran Barbosa faz blague ao relembrar esse tempo de lutas, mas desse tempo não deixa de ter ficado um pouquinho de saudade. Ainda havia docinhos, anisão, e o rádio estava em plena fase "depois te dou".

DEPOIS TE DOU

— Como cantei de graça, santa mãe de Deus! Eu era sambista por vocação e teimosia. Metia os peitos na Cruzeiro do Sul, onde God pontificava, na Cosmar, na Educadora. Cantava, cantava, abria a boca, depois chorava as maguas com os diretores, para ouvir sempre a promessa: "depois te dou". Como custou a chegar esse depois! Como custei para ver a cor que tinha o

Fotos de  
IVO BARRETI

(Conclui na pag. 7)?  
NÃO CONTINUA  
O arquivo estava incompleto e não passou a página 7 (cont.)

(FOTOS NO VERSO)





Não tenho retrato em casa, por isso só mesmo entrando na moldura ao natural



Mulher? Que horror! Eu sou favorável à campanha dos falsos moralistas.



Os dedos da mão não ajudam, vamos experimentar tocar com os pés?



Vou ser mala de cinema... Cé que?

O      T E M P O  
(1950 ■ 1954)

Indice

- 1950.....	159
- 1954.....	160



## Adoniran e O TEMPO.



ADONIRAN BARBOSA, grande cartaz do rádio, visitou a redação de O TEMPO, em companhia de outro az radiofônico — Osvaldo Moles. Adoniran afirmou ser leitor diário da página de cinema, rádio e discos de O TEMPO. Chamado "o milionário criador de tipos cômicos" — slogan de J. Antonio D' Avila — Adoniran Barbosa trabalha há dezesseis anos nas emissoras paulistas; pertenceu à Cruzeiro do Sul, Kosmos, Difusora e Record. É um dos mais notáveis atores cômicos; Osvaldo Moles criou especialmente para Adoniran tipos radiofônicos.

### Já Molado

Maracatu-capoeira de Romulo Pais, Delé e Adoniran Barbosa.

I

Oi tá molado tá  
vamos enzugá

Oi tá molado tá  
vamos enzugá...

II

Ainda me lembro  
do meu tempo de menino  
minha vó já bem velhinha...  
me cantava a cirandinha...  
E a poeira do telhado que caía  
[caía o chão molado]  
pra não dá um resfriado  
era enzugado...

Por sé Maria  
que banhava todos dia  
nosos pé numo bacia  
exconjurando d'água fria

I

Oi tá molado tá:... etc...

II

Se a chuva forte  
respingava na janela  
minha tia Gabriela  
se afundava no colchão...  
Cada troço  
ela pedia as parva benta  
Santa Barba é que se aguentava  
vê se acende o lampião...

Pois sé Maria  
da cozinha me dizia:  
— Reza tres ave-maria  
pro Sagrado Coração...

I

Oi tá molado, tá... etc.

II

Eu fui crescendo  
o pote todo foi morrendo  
e a voz de sé Maria  
me vem à recordação...  
Pra sé Maria  
que era preta luzidia,  
reza tres ave-maria  
pro Sagrado Coração...

Da chuva forte que batia no  
[telhado]  
hoje eu vejo tá molado  
tá molado todo chão....

N.R. — Este maracatu tem as  
quadrado de Hervé Cordovil  
e gravação de Neide Fraga.  
Ainda não está à venda e Ado-  
niran Barbosa, em sua visita a  
O TEMPO, nos adiantou que  
música, letra e discos serão  
lançados dentro de poucos  
dias.



# Confundem-se Cangaceiros e Beatos na Paisagem Nordestina

## «O Sertanejo», de Lima Barreto, Começará a Ser Rodado Este Mês, em Nosso Estado

A crise do cinema paulista vai passar, e um novo filme de Lima Barreto vem aí com um bruto cartaz antecipado, pois o Antonio Conselheiro já foi escolhido, estando este a anunciar um novo Pentecostes para o nosso cinema. Trata-se de «O Sertanejo», argumento e direção de Lima Barreto, o homem que gosta de ser chamado de gênio, mas que, no fundo, bem compreendido, é um bom sujeito, possuidor de um talento tremendo, com essa intuição mística das coisas cinematográficas, o que de fato o credencia como um grande diretor, já realizado e premiado no mundo.

### VIAGEM

Para sentir o chão do seu filme debaixo dos pés, Lima Barreto percorreu, numa perua da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, com um gravador e farto material fotográfico, cerca de nove mil quilômetros, atravessando seis Estados do Nordeste, a esquadrihar o sertão dos beatos e dos cangaceiros, numa avida procura de contatos, a fotografar tipos e povoados, gravando músicas e conversas, num maravilhoso desprendimento de artista que delira, geográfica e emocionalmente, com o impacto do seu tema.

### INTENÇÃO

Só esta viagem, com todas as suas delícias e também seus desconfortos, com suas emoções e possíveis aborrecimentos, já evidencia claramente a intenção de Lima Barreto em realizar um grande filme, tipicamente nacional, com raízes telúricas e populares. O tema é grandioso e está na ordem do dia.

Esperamos coisas imensas deste filme de Lima Barreto, onde a grande figura de Antonio Conselheiro atravessa pela história, galvanizando os sertanejos para uma louca viagem à Eternidade.

### PAISAGEM E MISTICISMO

Na árdua e impressionante paisagem do Nordeste, o filme será rodado em zona paulista que se assemelha ao agreste, com reconstruções fleiss, nascem beatos e cangaceiros e uns e outros se confundem numa violenta encarnação de princípios de justiça, de desejos comuns de solidariedade. Tal identificação haveria de impressionar um diretor de cinema, como antes já impressionara sociólogos, romancistas, reporteres e poetas.

Coube a Lima Barreto, pela sua sensibilidade privilegiada, escolher tal tema e plasmar-lo num argumento cinematográfico, que veremos em breve, envolvendo milhões, nas telas do Brasil e do mundo.

### A FIGURA DO CONSELHEIRO

No «O Sertanejo» um dos pontos altos será a aparição

### Texto de Paulo DANTAS

do maior místico dos sertões brasileiros: Antonio Conselheiro, figura que será vivida por Adoniran Barbosa, outro homem e outro artista do povo, que fugindo das alegrias e do humorismo da Radio Record vai viver, com uma dramaticidade impressionante, os tranSES do taumaturgo de Canudos.

Cinematograficamente Lima Barreto vai tirar um partido imenso de Antonio Conselheiro, cujos testes iniciais foram excelentes, conforme podemos atestar pelas fotografias publicadas nesta reportagem.

Não compete aqui discutir questões de estética ou de deformações artísticas deliberadamente feitas visando a recursos mais plásticos, violentos, isto é, mais densamente cinematográficos, como vai ser o caso desta interpretação e visualização de Antonio Conselheiro na fita de Lima Barreto.

Aqui apenas queremos noticiar e comentar com maior entusiasmo a realização de um filme de tal porte, capaz, uma vez por todas, de levantar definitivamente o nosso cinema, pois quem realizou «O Cangaceiro», deficiente em muitos pontos, mas extraordinário noutros, capacita-se de enorme responsabilidade para empreendimento desta natureza.

### PROGNOSTICOS

O filme que vai começar a ser rodado em fevereiro, só será lançado em 1955, depois de lançado em primeira mão no Festival de Cannes, onde, certamente, será premiado.

Posto nas nossas telas, o publico será atacado de uma nova doença, isto é, uma terrível nordestemania, agora, porém, mais grave pois virá com complicações euclidianas: «O SERTANEJO E ANTES DE TUDO UM FORTE».

Novos livros sobre o Nordeste surgirão buscando a natu-



ARACARI DE OLIVEIRA BARRETO — Que será a co-protagonista «Maria Paula», do próximo filme de Lima Barreto. Na vida real é a esposa do famoso diretor de «O Sertanejo».



DE CANGACEIRO A BEATO — Este é o popular Adoniran Barbosa, o «Homem Arsenal» de «O Cangaceiro» que agora será lançado no importante e dramático papel de Antonio Conselheiro, no filme de Lima Barreto, Beatos e Cangaceiros se confundem na paisagem do Nordeste.

ra perspectiva da «bilheteria» aberta pelo interesse despertado pela fita, e ao invés de Lâmpadas ou Marias Bonitas teremos Conselheiros e outros tipos mais.

### ELENCO

Eis a lista oficial dos artistas e suas respectivas distribuições de papéis, segundo colheita que procedemos nos estúdios da Vera Cruz, diretamente das mãos de Lima Barreto. O elenco está incompleto, mas já traduz as escolhas dos principais papéis: Cirino: PAULO MUSCHEL; Maria Paula: ARACARI OLIVEIRA, esposa de Lima Barreto; Regina: REGINA LIMA; Major Ponciano: ALBINO CORDEIRO; Capitão Volta Grande: ASSIS VALENTE;

Antonio Conselheiro: ADONIRAN BARBOSA; Eleuterio: ROGACIANO LEITE; O mancebo: RENATO CONSORTE; Capanga: RICARDO CAMPOS e Frei Eustáquio: NICOLAU SALA.



São Paulo, Sexta-Feira, 25 de Junho de 1954



**DE NOVO, EM MARCHA**

LIMA BARRETO (ao centro), diretor de «O Cangaceiros», prepara-se com entusiasmo e carinho, para fazer «O Sertanejo». O sopro da obra euclidiana há de incendiar o filme onde sem dúvida Adoniran Barbosa (à direita), o magnífico «Homem-Arsenal» do «best-seller» de Lima Barreto, terá na figura do místico Antonio Conselheiro a sua oportunidade para a definitiva consagração.

A      AÇÃO

- 1964.....165



## DISCOS



"DEMONIOS DA GARÔA" é o nome do famoso conjunto vocal que aparece na foto, exclusivo do selo Chantecler, para quem gravaram recentemente um álbum contendo grandes sucessos da música popular brasileira, que tem por título "TREM DAS ONZE". "Saudosa Malôca", "Iracema", "Conselho de Mulher", "Barracão Pegou Fogo", "Promessa a Jacó", são alguns dos números desse esplendido LP dos aplaudidíssimos Demonios da Garôa.

O      ESPORTE

- 1963.....169



X

O Esporte - 4/10/63

Sexta-feira assim, na Rádio Record, é quando encontramos às 21,05 horas a veterana criação humorística de Oswaldo Moles, "História das Malocas", na qual intervêm os mais conhecidos comediantes do Congonhas, principalmente Adoniram Barbosa, cujo tipo "Charutinbo" já é de domínio público.

X

O Esporte - 11/10/63

«Charutinhas», criação de Osvaldo Moles para Adoniran Barbosa, é mesmo tipo já de domínio público, desde o lançamento da humaníssima «História das Malocas» na Rádio Record. E é assim nas 6-as-feiras às 21,05 horas que a PRB-3 dá sequência à veterana série, da qual também participam outros conhecidos comediantes dos estúdios de Congonhas.



A      NOITE

- 1953.....173

# A NOITE Frustrada

DIRETOR: CELESTINO SILVEIRA

GERENTE: PAULO CELSO MOUTINHO

CINEMA BRASILEIRO



## Dama

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

v

**E** o bom amigo ia informando a namorada de seu companheiro: — "A Sueli foi a primeira namorada d'ele. Hoje está paratita-se... mas, evidentemente, nada tem a ver uma história com a outra! A Lailinha, passando a noite na Quinta da Boa Vista na companhia d'ele, sofreu uma queda, quebrou a nariz, colocou um glicélio no lugar de outro, mas o negócio não ficou direito e volta e meia a nariz call! Ela tem que sofrer nova operação... Houve também o caso da Betinha. Chegou a fazer a enxoval, quando tudo na mala e o carunchinho veio e roçou e enxoval interminável! Espiritozinhos franceses acham que o rapaz tem mais fluidos... Eu não gosto muito de dizer a palavra "star", mas... é o que esse gente acha que é lei!"

Enquanto o moço dava essas petulantes informações a respeito do seu namorado, ela ficava profundamente perturbada. E ao sabo de um silêncio, coberto pela música que seavam dançando, ela e estreitos, e terminou a sua impressão assim:

— Você é uma pequena adorável! Muitos achariam que ele não é merecedor... mas eu, quando sou amigo, sou amigo... — só posso dizer que tenho mesmo muito gosto nesse interesse que você demonstra pelo rapaz!"

O perito em acabar namoras pensou: — "Ufa! Com tudo isso, não há querer bem que restará! A menina já está no ponto de dizer que morreu de dar de cabeça, de retirar-se da festa, e não quer mais saber de seu amigo."

Mas aquela doce criaturinha tinha o espírito de uma amorosa mística: — "Então é... precisa de mim! Como me sinto feliz em ter uma pessoa no mundo que depende de mim!... Até hoje nunca tive esse gosto na vida, esquecer para a felicidade de alguém! Não há ninguém no mundo a quem eu faça falta!"

Ela só fazia sentir-se de adentro com a música, sob a qual se moviam seus passos: "Se tu morresse amanhã de manhã, minha falta ninguém sentiria..."

Como aquela garota era decidida em sua vocação de amar! — Ele se lembrava de um cidadão que dizia, e resto fechado na filha amorosa, à sua pequena: — "Vai de amar-te até morrer-te!" E agora via aquela pequena nessa obstinação adocicada, visagente e implacável. Não queria confessar ao companheiro, a quem prometera e adjuvára, que a sua música faltava, pelo menos nesta prova.

Ao terminar a dança, disse, baixinho, muito superior, enquanto a moçoinha empunha o nariz:

— "Ele já está melhorzinho... Vem por aí e fere, como você quer, mas convém ajustar a última prótese — aquela do Cinema."

E a moço, no dia seguinte, entrou com a namorada na fila, depois de comprar amêndoas torradas — que é o que faz mais barulho, enquanto se mastiga — e passando na frente da pequena, perguntou:

— "Meu bem, você tem trouxido aí?" Prezo muito as teorias feministas, e não lhe vou fazer o desfecho de pagar a sua entrada. Para mim, você é uma companheira em perfeito pé de igualdade."

A menina remexeu a bolsinha, e disse:

— "Está bem!"

Entraram no cinema; ele colocou um punhado de amêndoas na boca, mastigou ruidosamente. Mas o senhor da frente mastigava pipocas com muito mais eficiência. E o de trás acompanhava uma gentil moço que saboreava balas extremamente barulhentas, até parecia um rodar.

Vendo que não havia tempo para diálogo, ele se levantou. Mudaram de lugar umas duas ou três vezes. Encontrou, por fim, o fatoso necessário a dar um colorido mais desagradável ainda a essa sessão de cinema. O homem gentio, sacudia a cabeça, abarrotadíssimo com aquela truz-truz das amêndoas. Estava na hora de explodir, parecia. Até que lhe bateu no ombro — e daquele corpulento senhor, brotou então um fio aguilão de voz!

— "O savatellino me parou se o interrompo... mas sugiro que não mastigue tão alto, porque não entendo direito e que se diga lá na tela."

Aquêle espirito de criança foi dominado por uma voz travejante — a de nosso amigo, que se voltou, animoso para trás e urrou:

— "Os incomodados que se retiram! Eu paguel a entrada, tanto quanto a senhor! Então — está querendo barulho!"

LIMA  
BARREIRA  
NOVAMENTE  
EUFORICA  
TAMEM  
ANTES DE TUDO  
ON GILBERTO  
FONTE

Escrito três meses, Lima Barreto ainda é prático de uma garota de treze ou quatorze anos para interpretar "Baylor", e Elza de dona de fortuna de seu filho "O Baronejo", Cezaryna, a mãe, encontrá-la na Linda "Jornalista" de Zé Luis Lima — que tem a parte de personagem e a submissão de diretor de filme.





# PORQUE NÃO

PAG. 6

SÃO PAULO, novembro 10 (Da Notícia) — Depois de "O Cangaceiro", que pode não ter sido um filme perfeito mas que foi a primeira produção brasileira a ganhar fama no exterior, Lima Barreto dá ao Brasil e ao mundo "O Sertanejo". A nova obra começará a ser rodada em janeiro de 1934, devendo mostrar-se digna das boas críticas que estão programadas para a ocasião do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo.

Lima Barreto está convencido de que também outras obras literárias

# ANTONIO



...o filme "O Sertanejo"...

...o filme que "O Cangaceiro"...

...o filme que "O Cangaceiro"...

...o filme que "O Cangaceiro"...

...o filme que "O Cangaceiro"...



# É POSSIVEL FILMAR A VIDA DE CONSELHEIRO

Fig. 7



brasileiros andam de novo a voltar a Europa, Vão a Veneza e traem prêmio. Agora, sim, fazem filmes para o mundo.

#### APARECERÁ ANTONIO CONSELHEIRO

Muito gente deve falar em "O Sertanejo" e seu primeiro que será a história de Antônio Conselheiro, mas ainda porque Adoniran Barbosa está dizendo e acaba de escrever. Lima Barreto diz: "Não é possível fazer um filme sobre a vida de Antônio Conselheiro. Seria caro demais, exigiria muita gente, levaria muito tempo e sobreviria toda sorte de dificuldades. Em "O Sertanejo" aparecerá a figura de Antônio Conselheiro (Contar na página 14)

UMA EXPRESSÃO de Regina Lima, que interpretará o papel de Regina, a vida de dois anos de vida de fazenda em "O Sertanejo". Lima Barreto escreve e agora vai começar a montar o segundo filme "do Brasil para o mundo".

ADONIRAN BARBOSA VIVERÁ  
A PERSONAGEM DE ANTONIO  
CONSELHEIRO — ALBERTO  
RUSCHEL SERÁ O "ASTRO" AO  
LADO DA "ESTRELA" REGINA  
LIMA — ASSIS VALENTE SERÁ  
"VOLTA GRANDE", O TERROR  
DOS SERTÕES BAIANOS

★

Reportagem de  
Arthur NORONHA



TIPOS ATENTIVOS — Lima Barreto possui hoje uma antena atenta de tipos notáveis. Durante o verão em Lima Barreto, o velho sertão baiano fotografando gente, como, detalia e toda aquela padaria aparece em "O Sertanejo".

nos, e devesse dizerem das lendas e do sul onde há abundância de praias e ramos. As de lá da Bahia, que serão reproduzidas no filme, são de variadas formas, com base — de vidro — de pedra. Outras coisas a ser reproduzidas, a casa da fazenda, há fotografias de tudo quanto deverá ser mostrado no filme. Lima Barreto quer fazer — disse ele ao repórter — um filme rico em autenticidade, uma história crível, e, também, o melhor filme brasileiro.

#### CENÁRIO DE "O SERTANEJO"

"O Sertanejo" será rodado em Volta Grande do Sul, na mesma localidade onde foi filmado "O Cangaceiro". O terreno, escolhido já vários meses atrás, presta-se muito bem para o caso. Será segunda grande produção, envolvendo, em torno de personagens do sertão baiano, surgirá um verdadeiro mundo com plantações verdadeiras e águas límpidas. Lima Barreto adverte o repórter de que muita gente mal informada irá dizer que isso é tolice, é erro, mas na verdade isso existe, existe até aqui em Volta Grande do Sul, mas lá na Bahia mesmo, onde os sertões baianos habitam por ele traçados.

O preço, o custo é autenticidade. O diretor de "O Cangaceiro" promete sinceramente ao repórter que jamais deixará de produzir filme que não seja do Brasil para o mundo, pois — diz Lima Barreto — sobre de "O Cangaceiro" — elevamos o nível de ser o filme "do Brasil para o mundo", mas que não são sem o filme. Agora não. Agora se fizesse



"A NOITE" - ILUSTRADA  
24/11/1953 - PÁG. 14

## Porque não é possível...

(Conclusão das páginas 6/7)

Antônio Vicente Mendes Maciel), mas será uma passagem incidental. Mesmo assim, acredito que o "Profeta das Caatingas" roubará boa parte do filme, pois será a caracterização de uma personagem real. Adoniran Barbosa viverá o papel.

### INTÉRPRETES DE "O SERTANEJO"

Está dito que Adoniran Barbosa será Antônio Conselheiro. Aparecerá de barba mesclada, túnica de azulão, cajado, alpergatas e andar lento. Assis Valente, conhecido compositor de músicas, será retratado como "Volta Grande", o terror do sertão baiano em 1890/95. Regina Lima viverá o papel de "Regina", a filha de doze anos do dono da fazenda.

O papel principal, a personagem sertaneja, será Alberto Ruschel. Araçary viverá Maria Paula; Rogaciano Leite, Eleutério.

Além de muitas outras coisas que Lima Barreto trouxe dos sertões baianos para fotografar no filme "O Sertanejo", trouxe também mais de trinta gravações de composições sertanejas, devendo ainda selecioná-las antes de iniciar o filme.

Uma nota — Quando o repórter se avistou com Lima Barreto, encontrava-se nos escritórios da Vera Cruz Volta Sêca, que acabou de cumprir pena na penitenciária. Perguntamos a Lima Barreto se Volta Sêca seria aproveitado em "O Sertanejo". Respondeu-nos ele que talvez. Se Volta Sêca estiver em São Paulo por ocasião do início da rodagem do filme, ganhará uma ponta, mas não haverá grande empenho da Vera Cruz em contratá-lo.

C A N - C A N

- 1956.....179



**A CARICATURA DE HOJE**

Por Oscar



ADONIRAN BARBOSA

JORNALIS DE BAIROS DE  
SÃO PAULO/SP



JORNAL   DO   BAIRRO

- 1973.....185

## Adoniran está falando do povo. (Está falando dele mesmo).

Nunca morou em Jaçanã, não tinha brinquedo em criança, já foi encanador, funileiro, mascate, seus olhos se enchem de lágrimas facilmente e gosta de pagar bebida para os amigos. Adoniram Barbosa, de Trem das Onze e Saudosa Maloca, agora em novela de tevê, está contando suas coisas.

Na verdade, nunca morou em Jaçanã. Coisas da imaginação. Mora longe, prá lá do Aeroporto, numa rua que não tem luz, água encanada nem esgoto. Seu nome também é inventado. Quando nasceu, há 64 anos, em Valinhos, foi batizado como João Rubino. Adoniram Barbosa nasceu mais tarde. Família italiana pobre, influência pobre, favela. Perguntem a Adoniram e que ele acha do povo e ele não saberá responder. "O povo sou eu", dirá. O povo? É sanduíche, ônibus, falta do que comer. Isso é que é o povo. "Quando você era pequena, você teve brinquedo, não é? Pois eu não tive. Minha mãezinha fazia cataventura prá mim. Minha irmã fazia arco taquele de rodar no chão e estilingue, prá matar passarinho". No entanto, ele sabe, tem certeza de que as pessoas humildes gostam mais da vida do que os ricos.

Está emocionado e já não tão atento às minúcias da entrevista, como no começo. "Cê-dê o fotógrafo?", perguntava à toda hora. Entrevista para ele, têm que ter fotógrafo e repórter que escreve tudinho que ele fala, tímido por tímido, senão não acredita na seriedade da coisa, fica irritado. As vezes, fica irritado depois que ela sai. "A gente fala tanto e depois vai ler, daquela coisa sem graça".

"Escreva, escreva!", diz, imperiosamente. Depois, quer ver se tudo o que ele disse foi mesmo escrito. Principalmente agora, que está falando de um assunto tão delicado e, para ele, humilhante. Agora vai contar — "Veja bem, escreva aí" — que já foi tecelão, encanador, fundeiro, serralheiro e mascate. Isso tudo em Santo André, para onde se mudou, com a família, lá pelos idos de 1924. Depois veio sozinho para São Paulo e foi aprender o ofício de metalúrgico no Liceu de Artes e Ofícios; em seguida, coisa curiosa, arranjou emprego de entregador de uma casa de tecidos. "Isso é mesmo uma coisa humilhante de se falar", diz, no seu sotaque meio italianado. "Humilhante nada, Adoniram!", afirma o compositor César Rolão Vieira. "Que nada, seu Adoniram", garante Carlos Nunes, ator que na novela Mulheres de Areia faz o papel de Tito. Na novela, Tito é o filho de Chico Belo, personagem interpretado por Adoniram.

Carlos Nunes, no que parece, assume seu papel até o fim. Preocupado com Adoniram que havia bebido muito em Rinhaem, onde haviam gravado o dia inteiro, fez questão de levá-lo até o restaurante onde nos encontramos. "Adoniram é muito querido por todo o pessoal da novela — conta — mas também é muito sentimental. Outro dia, alguém que não quer dizer o nome o ofendeu e ele ficou a noite inteira sem dormir, falando sozinho: "Mas o que eu fiz para ele me ofender assim", dizia. E Adoniram, que confessa não levar a sério nem a vida, nem a carreira, conta que fazer uma inimizade ou ter ofendido alguém é a única coisa capaz de perturbá-lo realmente. Só de pensar nisso, seus olhos ficam cheios de lágrimas.

Isso, no entanto, não o impediu que ele fizesse um escândalo na sede da sociedade arrecadadora de direitos autorais, em 65. "Trem das Onze", feita por ele em 64, havia sido um sucesso aquele ano; mas quando foi receber os direitos disseram-lhe que ele só tinha um mi-

lhão a receber. Desesperado, chorou, quebrou cadeira, mesa. Deram-lhe mais um milhão. A estas alturas, já era um compositor conhecido. O culpado foi o rádio, que tocava sambas que ele gostava de ouvir. A culpada foi a bicicleta que usava para fazer as entregas da tal casa de tecidos e que o levava para a porta da antiga Rádio Cruzeiro do Sul, onde começou fazer ponto e a se tornar uma figura familiar.

Nunca tocou violão. Toca flautim, batuta com as mãos, usa seu ouvido e a sua voz rouca e fraca para guiar aos que traduzem suas composições para o violão e outros instrumentos. Com sua voz de jovem, cantou "Filosofia", de Noel Rosa, num programa de Calouros da Rádio Cruzeiro do Sul. Foi contratado. "Usava chapéu de palha, era moço, agradava". Adeus bicicleta. Adeus, coisas "humilhantes". Quando sua marcha "Dona Boo" ganhou o primeiro lugar no carnaval de 1935, jurou dar a si mesmo, com o dinheiro do prêmio, "um belo terno". Deixou sua boa irmã Inês encarregada do assunto e Inês, a boazinha da Inês, encomendou o terno a um alfaiate. E acabou tendo de pagar o terno, costada, pois no mesmo dia em que recebeu o cheque, Adoniram comemorou tanto o fato de ter ganho o prêmio, com seus amigos, que acabou voltando sem um tostão para casa.

Tinha 26 anos. Logo depois casou-se com dona Matilde, de quem até hoje fala como se fosse um namorado. — Ela é linda! linda! Ela é uma coisa aparte na minha vida. Aparte de tudo isso" (meio artístico, boemia) — mas o casamento não impediu que ele continuasse pagando rodadas e rodadas de bebida para os amigos, gastando quase tudo o que havia ganhado numa noite, voltando para casa quase liso. E dona Matilde, Adoniram? "Achava graça. Ela é linda".

Foi uma coisa muito boa a Gal ter gravado o seu "Trem das Onze", "reviveu a música". Adoniram ficou contente e mal acabou de compor "O Trator", já mandou seu mais recente samba para Gal. Quem sabe ela grava também? "Quando o oficial de justiça chegou lá na favela e contra seu desejo entregou para seu Narciso, um avião, uma ordem de despejo..." Quem sabe ela não se torna um sucesso como a "Saudosa Maloca", o "Samba do Ernesto", "As Mariposas", "Mimoso Cosibri", "Pogresso" ("Bela porcaria esse tal de progresso. São Paulo progrediu tanto que veja como ficou. Não posso nem passear mais de noite sossegado pela rua com a minha Matilde, como antes"), "Joga a Chave", "Bom Dia Tristeza".

Trabalhou 31 anos na Rádio Record. Sabe por que Adoniram? Abaixa a cabeça. "Sai fui aposentado". Carlos Nunes quer que ele aproveite a ocasião para "meter o pau na Record", mas ele recusa-se a falar, a amargura marcando mais o seu rosto já tão marcado. Além disso, seus olhos estão novamente cheios de lágrimas, pois está lembrando de seu amigo Oswaldo Moles que escrevia o texto das Histórias das Malocas para ele interpretar. Que falta lhe faz o amigo Oswaldo Moles que já morreu! Foi ele quem lhe deu o apelido de Charutinho, só porque era corintiano e o dr. Trindade, na época presidente do Corinthians, fumava um charutão. Depois, lembra que suas interpretações como rádio-ator lhe deram o que ele considera a maior alegria de sua vida: cinco prêmios Riquete Pinto. Depois lembra que já fez circo ("teatro não faço, tenho medo daquele público emproado"), cinema (O Cangaceiro, A Carruinha, A Superfemea) e televisão (duas novelas: Quem Bate e Ceará Contra 007) e que se tiver de sair de Mulheres de Areia vai sentir falta; pegou amor à novela.

Não, nunca morou em Jaçanã. Mora longe, para lá do Aeroporto. Está cansado, é tarde. Dona Matilde e Loirinha, a lubuzinha, estão esperando. Tenta pagar a conta de todo o mundo, ajeita na cabeça o indefectível chapeuzinho e depois, vai embora. (RP)

# jornal do bairro

São Paulo, 18 de julho de 1973



JOURNAL DA BELA VISTA  
(1982 a 1984)

índice

- 1982.....	189
- 1983.....	191
- 1984.....	193

**MORRE ADONIRAN: SÃO PAULO PERDE SEU POETA**



*Adoniran sempre teve o maior carinho pelo Bexiga*

São Paulo ficou mais pobre. Perdeu um dos seus mais ricos patrimônios, no dia 23 de novembro: Adoniran Barbosa, criador de um estilo muito especial de compor, que denominaram de samba paulistano. "Fiquemo sem o poeta", diria a linguagem simples de Adoniran, que era também a da gente simples de São Paulo de uma época. E era nessa linguagem que ele retratava a gente simples, a poesia oculta nas ruas, praças e casarões de São Paulo. O talento de Adoniran Barbosa interpretou São Paulo como nenhum outro ainda o havia conseguido.

Adoniran Barbosa

morreu no Hospital São Luiz, em São Paulo, de insuficiência respiratória agravada por um enfisema pulmonar, com 72 anos. Mas, para muitos, morreu apenas o desconhecido João Rubinato, seu nome de batismo, Adoniran Barbosa não morrerá nunca, ficará imortalizado por obras antológicas como Saudosa Maloca, Samba do Arnesto, Trem das Onze e Um Domingo no Bexiga.

Aliás, Adoniran chegou a ser confundido como morador do Bexiga, pelo tanto que divulgou o bairro e pelo conhecimento profundo que tinha dele, chegando às vezes a pousar de cicerone para outros ar-

tistas, mostrando o Bexiga. Na verdade, ele sempre foi do Brás, conforme declarou em uma entrevista ao JBV, apesar de estar ultimamente morando na Cidade Ademar.

**HOMENAGENS DO BEXIGA**

E foi o Bexiga, reconhecido, que lhe prestou duas das mais belas

(CONTINUA NO VERSO) →



## JORNAL DA BELA VISTA

1ª QUINZENA DE DEZ./82

PAG.3 (CONT.)

homenagens, uma ainda em vida, outra póstuma. A primeira foi um domingo todinho para comemorar o 70º aniversário do compositor, a segunda é uma rua no bairro com o nome dele, a travessa Brigadeiro chama-se agora travessa Adoniran Barbosa. E foi também a pedido da SODEPRO que o Teatro Sérgio Cardoso foi colocado a disposição para o velório do compositor.

A comemoração do 70º aniversário de Adoniran começou cedo, com uma missa na igreja de N.S. Aquiropita, continuando por todo o dia e culminando com um show a noite: Deste show participaram artistas como o Regional do Evandro, Geraldo Filme, Totonho, Renato Teixeira, Filô, Zê Geraldo, Rosa Maria, Celso Machado, Jair Rodrigues, Vania Carvalho, Conjunto Talismã, Carlinhos Vergueiro e Clementina de Jesus. Foi neste dia também que a Sodepro lhe outorgou um diploma de honra ao mérito, pela divulgação que sempre fez e o carinho que sempre demonstrou pelo Bexiga.

Em uma entrevista dada ao JBV por Adoniran Barbosa, em 1978, ele lembrou sua ligação com o bairro, que se-

gundo ele começou por causa da Vera Cruz, que tinha seu escritório na rua Major Diogo. Naquela época, Adoniran se reunia com Anselmo Duarte, Lima Barreto, e outros artistas da Vera Cruz no Nick Bar, que hoje não existe mais. Ele lembrou também que vinha do Brás comprar pão na rua São Domingos, linguíça calabreza no Rei da Linguíça Calabreza e a pizza de alho do Zê, coisas que também não existem mais.

A Vera Cruz não existe mais, não existe

mais também o amigo de Adoniran Barbosa, Lima Barreto, que morreu também pouco antes de Adoniran. Foi sob a direção de Lima Barreto que Adoniran atuou em "O Cangaceiro", filme que ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes, na França, em 1953.

Dos personagens e dos lugares lembrados por Adoniran ficam apenas a certeza da imortalidade de sua obra, de sambas como "Um Domingo no Bexiga":

Domingo nós fumos  
Num samba no Bexiga  
Na rua Major  
Na casa do Nicola  
A mezza note o'clock  
Saiu uma baita duma briga  
Era só pizza que avoava  
Junto com a brachola  
Nóis era estranho no lugar  
E não quisemo se metê  
Não fumo lá pra brigar  
Nóis fumo lá pra comer  
Na hora H, se enfiemo  
debaixo da mesa  
Fiquemo ali de beleza  
Vendo o Nicola Brigar  
Dali a pouco escutemo  
a patrulha chegar  
E o sargento Oliveira falar:  
Não tem importância  
Vou chamar duas ambulância  
Breque: Carma Pessoa.  
A situação aqui tá muito cínica:  
os mais piô vão prá Clínicas.

## Adoniran renasce em bar



*Dona Matilde, viúva do poeta da cidade, com um grupo de amigas é presença constante no Adoniran Bar.*

O poeta de São Paulo foi alvo de uma série de homenagens a partir de sua morte em novembro passado. É nome de rua, a antiga travessa Brigadeiro, tem o seu cantinho com objetos, fotos e documentos doados por Dona Matilde, viúva do compositor, no Museu do "Bixiga", terá brevemente o seu Museu, foi tema de vários especiais em todos os canais de televisão e finalmente virou nome de bar.

Na Rui Barbosa, 340, todas as noites se pode ouvir músicas deste grande compositor, além de saborear-se

um bom chopp e comer um sanduiche "Trem das Onze" ou um "Saúdosa Maloca".

Várias homenagens são prestadas periodicamente a Adoniram, mas nenhuma terá sido mais gratificante que a gravação do samba "Véio Mestre", composta por Braulio de Castro e Paulo Elias e registradas em disco pelo conjunto Velhos Amigos. O lançamento do disco não poderia deixar de ser foi realizado no Adoniram Bar, com a presença de várias personalidades entre elas Hebe Camargo velha batalhadora pelo Be-

xiga. Uma exposição permanente de fotos, das várias fases vividas pelo poeta desdote comediante até ator no filme "O Cangaceiro", além de várias caricaturas, capas de disco e posters. Vários dos antigos amigos

de Adoniram costumam fazer ponto no local, além de Dona Matilde, que possui uma mesa cativa onde recebe os amigos. O trio Roberto, Fernando e Toninho se revezam todas as noites para receber aos amantes de uma boa música e de um bom chopp.



## CRÔNICA

# Adoniram: um ano depois

No dia 23 de novembro, fez um ano que Você, se foi. Não quis ficar nem mais um minuto conosco. Levou com Você a saudade do Brás, do Bexiga, de tudo quanto amava nesta bruta selva de pedra, que Você soube cantar tão bem, em lugar da desumanidade da cidade grande.

Você cantou, Adoniram, o que nossa São Paulo tem de bom. Nunca se preocupou com a Paulicéia Desvairada. Isso é coisa de poeta elitista. E Você é o poeta do povo, cujos amores cantava nos seus versos simples. Mas tão bonitos. Que todos aprendemos a admirar. Porque Você era dos nossos e sabia cantar os nossos problemas. Que também eram seus. Cantando as coisas do nosso povo. Você deixou o seu nome indelevelmente gravado no coração da gente. Da gente humilde com quem Você convivia. Que Você tão bem compreendia. Que participava do seu dia a dia. Do seu cotidiano.

Não sei porque Você deixou a gente. Pessoas como Você deviam ser eternas. Não deviam morrer. São o oásis no deserto da nossa existência. Fazem da tristeza alegria. Talvez, por isso o seu verso: Bom dia, tristeza... Tão diferente do: O Arnesto me convidou. Nos dois extremos, a grandeza da sua alma. Você entendia e era entendido pelo povo. Pela gente que não apenas o admirava, mas o amava.

Você era parte de nós. E, indo embora, assim, deixou um buraco muito grande no coração da gente. Difícil de ser preenchido. Não é todo dia que nas-

ce um Adoniram. São coisas raras em nossas procelosa existência. São as pérolas finas das ostras que vivem no lodo. Daí o seu valor incalculável. Não tem preço.

Você aprontou com a gente, seu João Rubinato. Não devia ter feito isto. Porque nos fez muita falta mesmo. Porque Você não tem substituto.

Você faz parte dos Pelês da vida. Que somente aparecem de século em século. Para nos deleitar os olhos com sua arte. Como Você a sua música. Que os Demônios da Garoa eternizam com as suas magistrais interpretações. Porque as orquestras não se resumem num solista. São um conjunto de arte e som, dando vida ao pentagrama frio e inerte. Onde os gênios inscrevem as suas criações. Clássicas ou populares. As que se equivalem do coração do povo.

Lembro-me de Você. Da sua simplicidade. Que lhe permitia puxar uns bons cochilos no meu escritório da Rua 13 de Maio. É assim que vou continuar me lembrando de Você. Dos bons momentos que ali passou. Da festa após o almoço no Bexiga.

No seu estilo, Você era como o Rei Momo, primeiro e único. Daí dizerem que Você criou o samba paulista Discordo. Samba não tem terra. Está na alma do brasileiro. O samba é espontâneo como Você, Adoniram, foi espontâneo. O seu samba subiu do asfalto para o morro.

Obrigado, Poeta da Paulicéia.

Brasil Amazonense do Vale

Situado na Rua XV de Novembro, 347, esquina com a Praça Antonio Prado, com 15 andares, funciona o "Espaço Turístico"; órgão subordinado à Secretaria dos Negócios de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo. Antes, o edifício era conhecido como "Banco de São Paulo" e "Jóquei Clube".

Sua arquitetura nasceu em 1925, na França; e, se opôs a uma outra tendência, a Art-Nouveau, um estilo feminino de curvas. Sua Art-Deco — Arte Decoração —, é de estilo masculino, rígido, reto, despojado. Hitler e Mussolini apreciaram muito este tipo de arte. Depois da Arte-Deco, Barroco Florentino, foi construído o edifício em 1935, pelo arquiteto Alvaro Botelho, com 1300 metros quadrados de área, no entanto, só 50 por cento do prédio são aproveitados, pois, nos anos 30, o conforto valia mais que o espaço.

Na entrada do edifício, há as caixas de correio, todo o prédio esbanjam em mármore, há um poço de iluminação, pois, o edifício é pouco iluminado naturalmente. Subindo os andares, nota-se interruptores, maçanetas com emblema do antigo Banco e da família Almeida Prado, cestos de alabastro, elevadores desenhados, escadarias de mármore, bebedouros com formas de nicho, sanitários espaçosos com louça inglesa, piso, escadarias, hall, peitoris, corrimãos, tudo de mármore, vidros com desenho feito à jato de areia.

No quarto andar, hoje gabinete do Secretário Caio Pompeu de Toledo, há o forro trabalhado à gesso, com luminárias originais de alabastros em forma de bandeja. Há uma sala de madeira entalhada com painéis em couro trabalhado — do Liceu de Artes e Offícios. Grupos de Estudantes de

JORNAL DA BELA VISTA  
S.P., 17 a 23/08/84 - PÁG. 8

## Espaço turístico: cultura, lazer e memória num prédio histórico quem vai conservá-los?

Com a inauguração do "Museu Adoniran Barbosa-MPB", o Espaço Turístico oferecerá um vasto material de pesquisa sobre a Música Popular Brasileira. Além das exposições, o Espaço desenvolve intensa programação de shows musicais, sempre às quartas-feiras meio-dia, com entrada franca!

Arquitetura e Belas Artes de São Paulo e outros estados periodicamente visitam o local.

Olhando para baixo, o piso é trabalhado com pastilhas comuns de cerâmica esmaltada, com implantações de pastilhas de latão, e os dois conjuntos formando desenhos; há balcões de granito,

rodapés trabalhados, as mesas centrais (para preencher cheques e outras operações de um banco), foram decoradas com cristais com 1,5cm de largura. Do saguão ao teto, são 12 metros de altura.

Esculturas simbólicas representando o trabalhador em São Paulo, decoram as colunas.

(CONTINUA NO VERSO)



#### CAIXA FORTE

A caixa forte tem três palmos de largura, um fosso em volta que se enche de água — para a eventualidade de algum barulho cavar algum poço até ali — foi construído por B. Panzer. Hoje, o Banco Regional de Brasília o desativou.

Para que tudo isso?

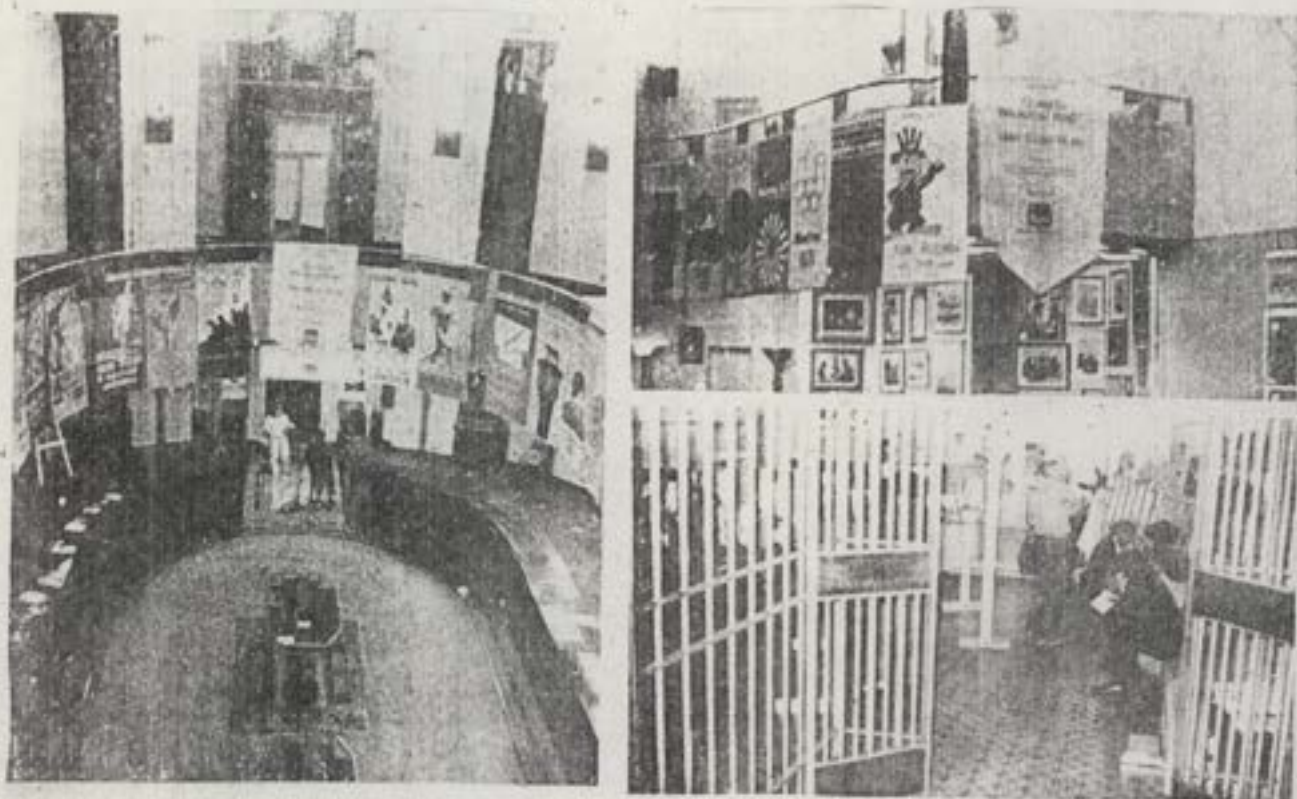
Todos estes estilos valem como atração turística, preservação da memória da cidade, enfim, uma questão de cultura que ninguém vê.

De acordo com Vera Magalhães Pereira, coordenadora do "Espaço Turístico", foram os Bancos de São Paulo e o Auxiliar de Brasília que anteriormente usaram o edifício como sede; e posteriormente, construíram sedes próprias. Segundo Vera, no dia 13 de junho do ano passado, o Espaço Turístico foi criado com a finalidade de difundir artesanato, música, pintura, enfim, as artes e o turismo de São Paulo e outros estados.

Vera informou que todas as quartas-feiras há apresentações musicais, dentro do projeto "Quarta Musical Itaú", promovido pela Secretaria de Turismo de Estado, Secretaria Municipal de Cultura e pelo Banco Itaú. Ela disse que para expôr no Espaço Turístico, é necessário que cada artista ou grupo, por intermédio de prefeituras, associações ou até mesmo individualmente, fale com ela e mostre seu trabalho. Se o trabalho for mesmo obra de arte ou artesanato, ela cederá gratuitamente por duas semanas.

#### A PROGRAMAÇÃO

Entretanto o espaço já estará tomado durante todo este ano. As próximas programações para as Quartas Musicais para este final de mês são: 22 de agosto Cícero Cordeiro, pernambucano, conta a pura raiz do nordeste, projetou essa raiz na música com sensibilidade; 29 de agosto Ciro Aguiar, cantor consagrado da MPB. Vera revelou que o Espaço é frequentado por pessoas que vão desde a classe média à classe alta, com um movimento diário em torno de mil pessoas. O Espaço Turístico está aberto diariamente das 8 às 18 horas, chegando a permanecer aberto até às 19 horas para atender as pessoas que trabalham até às 18 horas.



No subsolo do salão de exposições, está o cofre onde foi instalado o Museu Adonizun. Construído em 1935 pela indústria alemã P. Panzer, o mesmo que fabricava os tanques nazistas, o cofre possui uma pesada porta de mais de três palmos de espessura.

A GAZETA DA ZONA NORTE

- 1982.....197



# Adoniram Barbosa e Lima Barreto: MPB e cinema estão de luto

São Paulo perdeu na última terça-feira, 14 (14h30), um dos nomes mais representativos da Música Popular Brasileira. Aos 73 anos de idade, o autor dos clássicos "Trem das Onze", "Baudouin Maluco", "Tiro no Alvaro" e tantos outros sucessos, Adoniram Barbosa, faleceu no Hospital São Luiz, quarto 505, vítima de enfisema pulmonar.

Adoniram estava no hospital desde o dia 16 do corrente para se tratar da bronquite, de que sofria há muitos anos. Após entrar em estado de coma, João Rubião (seu verdadeiro nome) saiu da UTI na segunda-feira, 14. Mas apesar de "ver passado bem o resto do dia, voltou a entrar em coma às 13h da manhã de terça-feira. Ao seu lado, estavam a mulher com quem viveu durante 40 anos, Maurício de Lattuf, e a irmã deita, Mariza.

Mas o grande compositor "correu pobre", segundo Mazide, Adoniram deixava uma residência em São Paulo, uma apartamento de 135 mil cruzeiros mensais e 60 mil cruzeiros por trimestre, referências e direitos autorais. Adoniram Barbosa foi sepultado às 17h30 de quarta-feira, no Cemitério da Paz, no Mécumbi.

### EM DOÊMIO AMADO

A voz rouca, sem dispensar o chapéu, mantendo o bom humor em todas as ocasiões, o poeta Adoniram foi o maior poeta popular da cidade de São Paulo, e quasi descreveu em todos os aspectos, conquistando assim o amor, o respeito e a consideração de todos. Compositor urbano por excelência, ele criou uma linguagem própria, registrando em suas músicas o português oral da favela do povo, com seus erros e simplicidade.

Nascido em Valinhos, a 6 de agosto de 1910, João Rubião disse que nunca tinha sido músico "só aprendi voando por preguiça". A sua carreira começou em 1930, quando venceu um concurso de calouros, cantando a música "Filicócia" de Noel Rosa. Desse forma ele conseguiu chegar aos estúdios da antiga Rádio Cruzeiro do Sul. Antes porém, já tinha trabalhado como ajudante de carregador de vagões telúvica e pai ferroviário, técnico, taxista, quidense de encanador, pedreiro, marceneiro e até garçom.

Em 1934 ele chegou, nos estúdios da Rádio Record após estar com Vicente Laperosa, Elvira Alabar e Hagarim de Beuvero na Rádio Cruzeiro do Sul. Certo dia, foi apresentado a Odirio Gabus Mendes, que era de São José, e que levou-o à Rua Quintino Bocaiuva onde começou a fazer o programa "Os Ocorrentes", escrito por Osmário Moisés. Logo voltou aliá, veio a ser o seu grande sucesso.

Apesar de todo o seu trabalho, Adoniram ganhava apenas 30 mil réis por mês, o que era pouco. Foi fã de futebol e Odirio levou-o para o Quartel de São João de pagamento, ler um milhão. Um dia ele me disse: fã de futebol com o Maracanã, ele ganhava um conto de réis por mês. Pode acreditar com isso? Marcado concorreu a seguir Osmário Moisés começou a produzir outros programas.

Dona Iolanda em parceria com J. Emery estabuiu o concurso oficial da Prefeitura para indícios de carnaval. Com a sinceridade que lhe era peculiar, Adoniram classificava a música como "boa potência de marcha". Adoniram na verdade, não se considerava um compositor carnavalesco e começou poucos sambas para o carnaval festa.

Entre suas composições para o carnaval, destacam-se: "Entre corações", "Maritza" (a primeira música sua que os Demônios da Ópera gravaram e que foi composta em 44 ou 45; "Joga a Chave" e "Aqui Querida", que enfrentou problemas com o censor. Nos anos 60, Adoniram apresentou músicas das Bóreas do Samba, da antiga TV Tupi, e



Adoniram Barbosa, acima de tudo um poeta

Uma personalidade controversa, Lima Barreto, cujo corpo foi trasladado para o Hospital da Beneficência Portuguesa, terá condego a mágoa do não reconhecimento do seu trabalho e por isso acabou-se; não mais conhecida esbravejadas e nem mantidas contato com os amigos. Seu maior sonho era recuperar-se e ocupar a lacuna deixada por Orlauber Rocha no cinema brasileiro.

A solidão que marcou grande parte da vida deste cineasta acabou, também ocorreu no seu velório. Seu corpo foi velado apenas por poucos amigos e familiares, entre eles o ex-mulher Argeletri de Oliveira e o filho Felipe. Porém, o último desejo do diretor de "O Cangaceiro" era que seu corpo fosse cremado e as cinzas fossem espalhadas pelo Rio Tietê e não, pelo mar, eis foi sucedido.

A morte de Lima Barreto surpreendeu a direção das Lar dos Velinhos e seus vizinhos de recôndito. Ainda na noite de terça-feira quando se recolheram por volta das 20 horas, alguns velinhos foram chamados ao seu quarto, pela Lima queria locomover-se até o reservatório e não conseguiu levantar-se da cama em virtude de problemas na coluna vertebral. Provavelmente, afirma irmã Inocência - responsável pela ala masculina do Lar - "ele morreu pela madrugada, porque algumas vizinhas de quarto ouviram até a madrugada a sua respiração arfante e difícil".

Orlauber e socorrido, Lima Barreto nunca deixou de lado o papel e a caneta e, em certas ocasiões, chegou a escrever trechos de cartas autobiográficas. Porém, não se preocupava com a apoteose deitos amarelados pela macumba, sapatos e roupas surradas, cabelos despendidos deixando transparecer a calvície, era seu visual do dia-a-dia.

### UM CINEASTA PREMIADO

Nascido em Casa Branca, São Paulo, a 23 de junho de 1908, Lima começou sua carreira no cinema com o curta metragem "Fazenda Velha", dirigido de lembro e de recordações da fazenda grande fazenda. Produziu posteriormente "O Quarto" e "O Disco e o Colírio".

Seu próximo trabalho foi o documentário "Seu bilhete, por favor", mostrando uma viagem de um trem da Mogiana. Depois realizou um curta Santa Catarina "Capô do Broomfield". Em 1946 fez "A Carta de 45".

Em 1950 chegou Lima Barreto à sua fase de Vera Cruz. Realizou então "Cangaceiros", "Pelado" e dirigiu ao sucesso "Este é o dia da vitória", além de "Fazendas", sobre as estâncias de São João del-Rei. Com este filme, Lima recebeu o segundo prêmio internacional, no Festival de Venézia.

Em 1953 dirigiu "O Cangaceiro", que se destaca principalmente pela qualidade de trilha sonora, com canções de 26 do Norte e fundo musical de Gabriel Magalhães.

Em 1961 Lima Barreto realizou "A Primeira Missa", inspirado num conto de Nair Lacerda. Seu último documentário foi um curta-metragem "Um pequeno documentário em cores, colómbia humilde, só para instigar algumas sandálias malucas". O filme, intitulado "Arte Cabocla" ganhou prêmio "Fest", organizado pelo "O Estado" e hoje está no arquivo.

Autor completo de "O Cangaceiro" - que Barretos as maiores glórias, sendo o grande vencedor em Cannes e Venézia - Lima Barreto também foi um educador, roteirista e diretor, preservado para a história, o papel de um capitão de guerra. Foi conservado na biblioteca da glória de "O Cangaceiro" e do currículo e de seu trabalho.

com Matilda no dia da estreia do filme "Eles não usam black-tie" pela a música do filme "Vozes sem boca" era de sua autoria.

Adoniram tem suas músicas gravadas em discos de outros cantores como Elvira Bergamini ("Sedução, Maluco") e Gil Castera ("Trem das Onze") além de Demônios da Ópera e do B-2000 Tullamã. O autor de Tiro no Alvaro gravou 476 discos seus, sendo que o último foi lançado em maio de 1980 pela Odeon. No LP, que se constitui numa homenagem ao compositor, reunidos os artistas Clementina de Jesus, Carlinhos Vergulho, Elis Regina, Djavan, Guarnulhos, Clara Nunes, MPB 4, Roberto Ribeiro, Viana Carvalho e o Conjunto Novo Samba.

Sua última participação em público foi no carnaval deste ano, como destaque da Escola de Samba "Colégios do Bós", arrematando porcentagem de 11. O Grupo, que apresentou o tema em sua homenagem intitulado "Adoniram Poeta do Povo", chegou em 14, ele provocou polêmica, uma vez que trazia um lema bege, com canções brancas e inseparável chapéu preto. Enquanto o promotor de de Colorado, Percival Martelo, argumentava que ele devia desfilar de ternos brancos, Adoniram argumentava: "Eu sou branco, mas malandro não, não vou usar ternos brancos".

Adoniram Barbosa não pode ficar "nem mais um minuto" com aqueles que tanto o amaram, partindo sua terra em volta. Mas ao lado da tristeza que sua morte inspira, fica a lição de um grande poeta que soube como algumas velhas com bom humor uma cidade ao mesmo tempo bonita e estúpida como São Paulo, com suas muletas, bares e estâncias. A recomposição de seu trabalho fora no teto de que lotes de habitantes dessa cidade se de outros trabalhos, sobem e não pode parar um trecho de algumas de suas composições iniciais.

### A MORTE SOLITÁRIA DE LIMA BARRETO

Morreu na madrugada de quarta-feira, do quarto número 4 do primeiro pavilhão do Lar dos Velinhos, de 60 anos de idade, o autor de "O Cangaceiro" e do currículo e de seu trabalho.

X

---

**A Gazeta da Zona Norte**

---

**São Paulo, 04 de dezembro de 1982**

O compositor Eduardo Gedin define o amigo Adenir Barbesa, falecido há poucos dias: "Ele foi o Chaplin do tempo dele. Sua poesia trágica não retratava apenas a si próprio, mas toda esta cidade."



JORNAL DA LAPA - GAZETA  
DO BAIRRO DA ZONA OESTE

+ 1982.....201

## Grupo Cotoxó prestou homenagem a Adoniran Barbosa no Sesc-Pompéia

Na noite de quarta-feira passada havia um clima de muita emoção no Centro de Vivência do Sesc Fábrica-Pompéia, na rua Clélia. Quem provocou aquela sensação foi o Grupo Cotoxó, ao realizar um dos mais gratificantes "shows" do chorinho já presenciados em São Paulo. O espetáculo terminou com uma bela homenagem a Adoniran Barbosa, falecido na última terça-feira.

"Saudosa Maloca", "Tiro ao Alvaro" e "Samba do Arnesto" foram algumas das famosas canções apresentadas em homenagem ao grande poeta e sambista dessa Paulicéia da Garoa. Além desses sucessos, o Grupo Cotoxó tocou "Brasileirinho", "Urubu Malandro", "Pedacinho do Céu" e outras que mexeram bastante com a platéia presente ao Centro de Vivência, levando alguns casais à dança.

O Cotoxó é um conjunto constituído há cerca de dez anos, sendo formado por Sylvio Zani no bandolim, Henrique Gudín no violino, José Laporta, Alvaro Kuhl e Pedro José de Mattos nos violões, Francisco Gimenes no cavaquinho, João Batista Sammarco no afoxé e José Carvalho no pandeiro. Todos eles apaixonados pe-



Grupo Cotoxó: apaixonado pela boa música.

la boa música. Além de choros, o repertório do conjunto é composto por valsas, xotes e até tangos. Em todas penúltimas terças-feiras de cada mês, eles se apresentam no Sesc-Fábrica-Pompéia, que para Alberto Zani, o fundador do grupo, "é um local onde os jovens dançam muito enquanto tocamos".

Zani faz questão de frisar que o grupo Cotoxó não é profissional:

— Não tocamos para ganhar dinheiro mas para mostrar que amamos a música. Tocar para nós, é uma alegria imensa. Nossas músicas despertam a saudade que existe em cada um de nós e a juventude gosta disso.

E Adoniran pegou o trem. Nesta semana o grande Adoniran Barbosa, um dos maiores nomes de nossa MPB morreu. Em seu enterro tinha de tudo: cafazinho, samba e cachêça. Só faltava a sua vida, Adoniran. Parecia que todos estavam esperando você dizer: "Nós viemos aqui para beber ou para conversar?". E se isso acontecesse, malandro, temos dizer: "Joga as casacas pra lá". E iam voar flores por todos os lados, numa grande batalha colorida. Mas se isso realmente acontecesse, você olharia para sua companheira de tantos anos para dizer: "Não posso ficar nem mais um minuto com você", e iria embora, sabendo que a vida vale a pena. E a boemia também.



SÃO PAULO ZONA SUL

- 1984.....205



## Adoniran Barbosa, com respeito e dignidade

SAUDADES DE ADONIRAN — Alvorada/Continental;  
A DEUSA DOS ORIXÁS — Clara Nunes —  
Som Livre

Um artista morto é faturamento certo para as gravadoras. Discos com grandes sucessos são lançados sem o menor critério, apenas com o objetivo de vender milhares de cópias. Entretanto, existem exceções. "Saudades de Adoniran", da Continental, é uma delas. Com dados biográficos e um amplo comentário crítico da obra de Adoniran Barbosa a cargo do crítico José Luiz Ferrete, este disco é um painel não menos que perfeito da importância do compositor dentro da MPB. O repertório é, igualmente, primoroso. Os Demônios da Garoa aparecem com os registros originais de "Trem das Onze", "Samba do Ernesto", "As Mariposas", "Abrigo de Vagabundos" e "Iracema". Há também um trecho de "História das Malocas", célebre programa humorístico criado por Oswaldo Moles e transmitido pela Rádio Record nos anos 50. Ali, Adoniran interpretava tipos como o malandro Zé Charutinho e o galã Jean Rubinet, corruptela de João Rubinato, seu nome de batismo. Adoniran conta, de viva voz, como adotou seu nome artístico e também canta sucessos como "Saudosa Maloca", "Olha a Polícia" e "Agora Pode Chorar", gravação esta de 1936. Um disco maravilhoso, de grande valor histórico.

Com Clara Nunes as coisas não são tão boas assim, infelizmente. Enquanto no disco dedicado a Adoniran o ouvinte encontra inclusive as datas das gravações, em "A Deusa dos Orixás", também uma coletânea, tudo é colocado a esmo, sem qualquer respeito pela saudosa intérprete. É verdade que estão ali registros como "O Mar Serenou", "Conto de Areia", "Éh Baiana" e "Você Passa e Eu Acho Graça", inusitada parceria de Ataulfo Alves e Carlos Imperial. Ocorre, porém, que não há qualquer nota explicativa sobre a época das gravações, nem mesmo um breve comentário crítico sobre o trabalho de Clara, o que dá a triste certeza de que ela também foi transformada em caça-níqueis.



JORNALIS    DA    REGIÃO    DA  
GRANDE    SÃO    PAULO / SP

DIÁRIO DO GRANDE ABC  
(1979 e 1982)  
índice

- 1979.....	211
- 1982.....	212



## Estação Primeira

### (Otimismo no primeiro Carnaval)

A Estação Primeira de Utinga faz sua estréia este ano no Carnaval de Santo André e seus diretores estão convictos da vitória. Baseiam-se, principalmente, numa requintada organização, onde houve até concurso para a escolha do samba-enredo. Na escola vão desfilar

todas as classes representativas de Utinga, entre operários e profissionais liberais. O tema será Adoniran Barbosa e a presença do velho compositor, no dia dos desfiles, deverá ser a grande atração da escola.

"Nós vamos ganhar". Não há sinais de prepotência na voz de Núbio, este rapaz alto, 25 anos, vendedor e diretor da mais nova escola de samba de Santo André, o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Estação Primeira de Santo André. Sua justificativa:

- Nós nos preparamos para o título. Traçamos mil esquemas, levantamos dinheiro, selecionamos os melhores sambistas, compramos as melhores fantasias, nos preparamos em todos os detalhes. Agora, às vésperas do Carnaval, não podemos negar: estamos felizes e otimistas. Preparados para ganhar.

Para se ter uma idéia da organização da escola, basta dizer que houve até concurso para a escolha do samba-enredo, fato incomum no Grande ABC. E houve votação para a escolha do tema. E houve visita ao comércio do distrito de Utinga, onde a escola nasceu.

A organização foi tanta que a escola não teve dúvidas: utilizou a verba de 50 mil doada pela Prefeitura apenas para completar sua bateria. O dinheiro para os tecidos, fantasias e carros alegóricos foi levantado por vias próprias: na venda de selos, de camisetas e em contatos com os comerciantes de Utinga. E olha que só 10% do comércio colaborou com a escola.

A história da escola de samba Estação Primeira baseia-se na fusão ocorrida em 78 das escolas de samba Império do Parque e Espadão, ambas de Utinga, e da escuderia Padocka, também do sub-distrito. Juntaram-se as forças e nasceu a escola, que estréia oficialmente neste Carnaval.

Além de traçar planos financeiros, a Estação Primeira pesquisou muito antes de se decidir por um tema. Acabou optando pelo tema Adoniran Barbosa, depois de pensar em *Poluição das Flores*, *Evocação de um Reinado de Momo*, *Restauração Pernambuco*, entre outros. Escolhido o tema, organizou-se o concurso de

compositores. Cinco sambas apresentados e o escolhido acabou sendo o do Rubão - Rubens da Silva:

"Ao desfilar com primazia  
A Estação Primeira exalta com louvor

O mestre do riso e da alegria  
Cômico, sambista e compositor

Adoniran Barbosa  
Cantados num poema singular  
Pois do meu Brasil és um enlévo

Oh! grande acervo da música popular.

Laia e idio vêm à janela  
Para exaltar Adoniram na passarela.

Com a corda mi do cavaquinho  
Ele fez prá Iracema uma aliança

A Saudosa Maloca e o Charutinho  
Trem das Onze, Vila Esperança

Valinhos se orgulha do seu filho  
De obras primas ele fez um vendaval

Dignificando o poema  
E nosso tema, para este Carnaval.

Quem nunca viu  
Vai ver agora  
As mariposas  
A Pufança e a Aurora".

O velho compositor ouviu o samba. Gostou. Engrometeu fazer força para vir a Santo André e sair com a escola no domingo de Carnaval. Aliás, os diretores da Estação Primeira estão cuidando de todos os detalhes para conseguir trazer Adoniran Barbosa mais uma vez à cidade.

- Ele esteve aqui em dezembro, durante a festa de inauguração da quadra - conta Núbio. Gostou do pessoal e revelou que, por seis anos - de 34 a 40 - residiu em Santo André, trabalhando de pintor de faixa e de carregador de escada.

- Ele esteve aqui em dezembro, durante a festa de inauguração da quadra - conta Núbio. Gostou do pessoal e revelou que, por seis anos - de 34 a 40 - residiu em Santo André, trabalhando de pintor de faixa e de carregador de escada.

Núbio, Custódio, Pedro Bô, Ivo, Tidinho, os diretores da Estação Primeira, não negam informações e revelam todos os segredos

da escola, todos os planos, todos os destaques. Mostram, inclusive as fantasias já prontas e o resto do material para novas fantasias. Por exemplo: mostram os 20 quilos de brocal metalóide que compraram, um material brilhante, importado, que custa mil cruzeiros o quilo e que está sendo usado para enfeitar as cartolas dos elementos da escola.

- Com a gente vão sair todas as classes representativas de Utinga, desde o operário até médicos, engenheiros, biólogos, professores. Tatã será o mestre-sala, Sueli a porta-bandeira. Os diretores vão sair a harmonia. Teremos vários destaques, todos simbolizando os personagens de Adoniran. Jorge Lincoln vai subir de rei. Gastou 15 mil cruzeiros na sua fantasia. Fátima sai de rainha, ela que gastou 20 mil com sua roupa. Marli, outro destaque, vai de Aurora; Cida de Mariposa, Alaide de Pafúncia, assim por diante.

A escola pretende sair com um número de 400 a 600 elementos. Fredão é o diretor de bateria; o velho Carabina, de 60 anos, é o chefe da ala de cuicas.

O grande objetivo da Estação Primeira: vencer o Carnaval e motivar, com isso, uma decisão favorável da Prefeitura na cessão definitiva da quadra que está ocupando atualmente, na ex-chácara Pignatari. A quadra é ampla, suficiente para os ensaios. Nela já se apresentou até mesmo a escola de Vila Alice, cantando o seu samba-enredo. Justamente a Vila Alice, que será a grande adversária da Estação primeira neste Carnaval.

- Adversário no samba, no asfalto - diz Núbio - Fora das competições, somos todos amigos, o que não poderia ser diferente, já que lutamos por coisas iguais, tentando reerguer o Carnaval de Santo André.

Por fim, um sonho da escola para o Carnaval de 80: no próximo ano, a Estação Primeira quer colocar 1.500 pessoas na avenida, o que até o presente, é um fato inédito em todo o Grande ABC.



## Canto no enterro de Adoniran



No velório, no enterro, as pessoas cantaram sucessos de Adoniran com os Demônios da Garoa

Ao som das músicas que o consagraram, *Trem das Onze*, *Saudosa Maloca*, *Samba do Ernesto* - tocadas pelo conjunto Demônios da Garoa e Grupo Medusa, e cantadas com emoção por mais de mil pessoas -, o compositor, cantor, humorista e radialista Adoniran Barbosa foi enterrado ontem, às 17h15, no

Cemitério da Paz, em São Paulo, como era seu desejo.

As músicas foram escolhidas por sua mulher Matilde e começaram a ser cantadas pouco antes que o caixão fosse fechado, no velório do cemitério. Dezenas de coroas de flores e bandeiras da Escola de Samba Colorados do Brás - do segundo grupo, na qual Ado-

niran Barbosa desfilou no carnaval deste ano, pois o samba enredo era em sua homenagem - acompanharam seu velório e enterro.

Vestido nos trajes de sempre, seu tradicional chapéu não foi esquecido. Foi colocado em cima das flores do caixão (Primeira página do Caderno B).



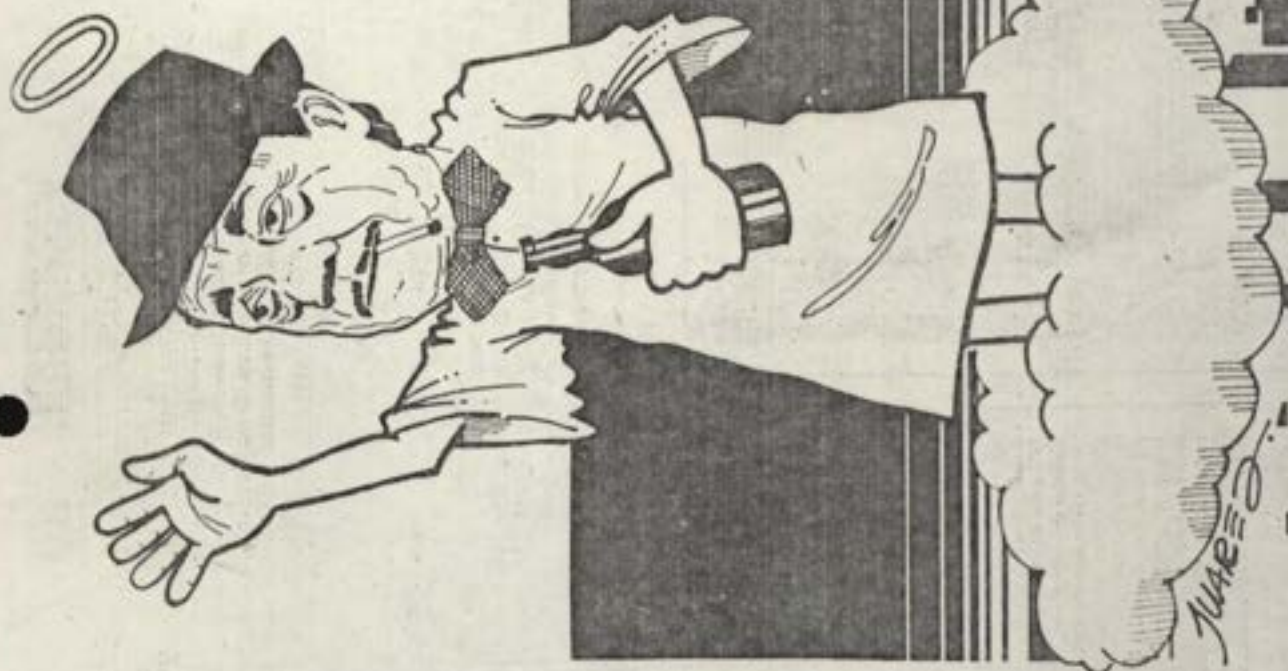
# A despedida de Adoniran ao som de Trem das Onze

DIÁRIO DO GRANDE ABC

Caderno **B** PÁG. 1  
10 páginas

segunda-feira, 25 de novembro de 1982

**A**



"Não posso ficar nem mais um minuto com você/dato muito amor, mas não pode ser/moro em Jacaná/se eu perder esse trem/que sai agora às cinco horas...." alterando o horário do trem, os amigos de Adoniran se despediram do maior cronista da cidade: Adoniran Barbosa foi sepultado ontem, às 17h15, no Cemitério da Paz, na quadra 7, túmulo 28, com o canto de seus maiores sucessos, Trem das Onze, Saudosa Maloca e Samba do Arnesto, interpretados pelo conjunto Os Demônios da Garoa e por quase mil pessoas que lá compareceram. Não garou, mas a cidade ofereceu ao seu poeta uma de suas tardes típicas, céu cinza e chuva enjoada.

Ainda sob o impacto de sua morte, vários artistas, compositores, e antigos amigos da boêmia mal podiam falar sobre ele. O maestro Julio Medaglia atribuiu a Adoniran a transformação do dialeto feio e grosseiro, que até provocava riso em muitas pessoas, em algo poético. "Ele conseguiu dar humor e beleza a São Paulo, numa cidade bastante carente. Mais ainda foi responsável pelo sucesso de uma geração de radialistas que atuaram em São Paulo, como Pagano Sobrinho e Zé Fidélis, que nunca foram também reconhecidos pelos cariocas, que se achavam, na ocasião, os donos do humorismo nacional".

As poucas pessoas que estiveram ontem em seu velório no Cemitério da Paz estavam surpresas e indignadas com a ausência de qualquer autoridade especialmente da área da cultura, Júlio Medaglia, porém, achou interessante. "Afinal, nunca nem um político fez nada por ele e agora não seria o momento. O povo está aí, muitos tomaram até três ônibus para chegar, são eles que devem carregar o caixão".

Assim como Noel Rosa, Lupiscínio Rodrigues, Francisco Alves, Adoniran Barbosa não deixou herdeiro musical, ninguém que possa dar continuidade às suas crônicas paulistescas.

(CONT. NO VERSO)





## Os trilhos do trem das onze continuam lá

"Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, o triângulo, os cortiços do Bixiga, Adoniran não a deixará acabar, porque graças a ele, ela ficará misturada novamente com a nova, mas como o quarto do poeta, também intacta, boiando no ar".

A frase escrita pelo crítico e professor Antonio Cândido bem que poderia servir de epítáfio para o compositor, cantor, ator e humorista paulista Adoniran Barbosa, cuja morte deixa órfãos personagens como *Iracema*, heroína do samba famoso que morre atropelada na avenida São João, a 20 dias do casamento, ou o operário que é obrigado a deixar a mulher amada para não perder o trem das onze que vai para o Jaçanã. Com Adoniran, desaparece uma das mais poéticas e engraçadas facetas da São Paulo do século XX, que conheceu o progresso e destruição.

O poeta dos cortiços paulistanos vai embora aos 72 anos de idade sem deixar de ser, em qualquer momento, o homem simples, do subúrbio de Cidade Ademar. Seu nome verdadeiro era João Rubinato. Nasceu em Valinhos, perto de Campinas, em 1910. Seu pai, nascido em Veneza, trabalhava carregando vagões da estrada de ferro *The São Paulo Railway*, que os ingleses plantaram no Interior paulista. O menino João ajudava o pai nesse trabalho pesado em Jundiaí, cidade média da região de sua terra natal.

### Em Santo André

Em Jundiaí, João Rubinato carregou marmitas para o Hotel Central e trabalhou como varredor numa fábrica de tecidos. De lá, mudou-se com a família para o Grande ABC, em 1924. Em Santo André, foi tecelão, pintor, encanador, serralheiro e garçon na casa de Pandiá Calógeras. O patrão foi transferido para o Rio, onde assumiu o ministério da Guerra e João perdeu o emprego, mas logo entrou no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, em que aprendeu a profissão de metalúrgico-ajustador. O esmerilhamento de ferro foi fatal para seus pulmões, tornando-os doentes pelo resto da vida. Por isso, ele tentou ser mascate, mas não deu certo: anos depois, com seu inimitável senso de humor, lembraria que vendia os produtos por um preço inferior ao gasto na compra.

Com seu jeito engraçado, João Rubinato tentou a vida no rádio, enfrentando os programas de calouros. Sua voz rouca foi levada ao ar pela primeira vez, graças a Jorge Amaral, que o premiou quando cantou o samba *Filosofia*, de Noel Rosa. Conseguiu emprego na Rádio Cru-

zeiro do Sul, mas não ganhava salário. Em 1935, pôs letra no samba de J. Aimberê, *Dona Boa*, sua primeira incursão por São Paulo, pois o tema era a rua Direita.

### Vida artística

O início da vida artística coincide com a adoção do pseudônimo que tornaria famoso. O Adoniran foi adotado em homenagem a um amigo que trabalhava no correio e o Barbosa acrescentado pela amizade com Luiz Barbosa, um cantor de sambas do Rio que viajava muito para São Paulo, frequentava os botequins do bairro do Bixiga em sua companhia.

Em 1941, convidado por Octavio Gabus Mendes, Adoniran Barbosa foi trabalhar na *Rádio Record*, como ator no programa *Serões Domingueiros*. Interpretou *Zé Cunversa*, um malandro; o judeu *Moisés Rabinovic*; o galã de cinema francês, Jean Rubineti e o professor de inglês, Richard Morris. Na *Record*, conheceu Oswaldo Moles, que seria seu grande amigo e parceiro. No programa dos dois, *Casa da Sogra*, Adoniran aprimorou o linguajar característico que usaria nos seus sambas famosos dos anos 50. São Paulo, um caldeirão de imigrantes italianos, espanhóis, portugueses e nordestinos, tinha um dialeto próprio, mistura de várias línguas e soma de corruptelas. A esse dialeto Adoniran deu forma poética como Camões havia feito com a última flor do lácio.

Poeta das corruptelas, conheceu seus cantores ideais: *Os Demônios da Garoa* ainda nos anos 40. Mas, a associação só se transformaria em sucesso dez anos depois. Antes disso, foi ator em dois filmes que Adhemar Gonzaga *Pif-Paf* (de 1945) e *Caiados do Céu*, (de 1946), e de um clássico do cinema brasileiro, *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, cineasta que coincidentemente morreu ontem.

### Sucesso

Em 1955, veio o sucesso: *Os Demônios da Garoa* gravaram um disco com *Saudosa Maloca* e *Samba do Arnesto* (com Alôcim). O Brasil inteiro cantou a linguagem arrevezada dos botequins da Zona Leste de São Paulo: "O Arnesto nos convidou prum samba, ele mora no Braz, nois fumos num encontremos ninguém. Nois vortemo cum uma baita duma reiva, da outra vez, nois não vai mais". Cinco anos depois, com o inseparável Oswaldo Moles, compôs o inesquecível *Tiro ao Álvaro*. Na época, fazia grande sucesso em São Paulo com *Charutinho*, um tipo popular baseado no charuto fumado pelo então presidente do Corinthians, seu time de fé. *Histórias das Malocas*, o programa de rádio que consagrou *Charutinho*, chegou a ser levado para

a televisão. O maior sucesso de Adoniran Barbosa foi escrito em 1964. Feito para concorrer ao concurso do carnaval do IV Centenário do Rio, em que obteve o primeiro prêmio, *Trem das Onze* ganhou o Brasil e conheceu inúmeras gravações, a primeira das quais com *Os Demônios da Garoa*. Quem experimentar cantar os versos desse samba num bar, certamente não ficará sem resposta e sem coro. "Não posso ficar nem mais um minuto com você, sinto muito, amor, mas não pode ser, moro em Jaçanã, se eu perder esse trem que sai agora às onze horas, só amanhã de manhã".

### Ator, humorista...

Adoniran foi ator de sucesso na televisão. Em programas humorísticos como *Papai Sabe Nada* ou em telenovelas como *Ceará contra 007* na *TV-Record*. Com seu bigode fino, seu chapéu de abas curtas, de paletó e gravata, a característica voz rouca, cantando um samba ou fazendo um comercial de cerveja, Adoniran foi sempre um inconfundível boêmio da Paulicéia Desvairada. Poeta sensível, foi parceiro de Vinícius de Moraes (*Bom dia Tristeza*), e escreveu sambas com jovens como Carlinhos Vergueiro (*Torresmo à Milanesa*).

### Lp só em 1973

O primeiro Lp de Adoniran Barbosa só foi feito em 1973, quando ele tinha 63 anos. O segundo só apareceu dois anos depois. O terceiro e último Lp foi uma homenagem ao valor artístico do compositor e contou com um elenco de estrelas da MPB: Elis Regina, Clara Nunes, Djavan, Gonzaguinha, MPB 4, Clementina de Jesus, Carlinhos Vergueiro e Roberto Ribeiro.

Dono de uma maneira de compor extremamente popular, Adoniran Barbosa dava em seus versos a visão fiel do povo. Nunca se preocupou em escrever de maneira correta, mas sim como as pessoas falavam. Isso, inclusive, lhe valeu críticas do poeta Vinícius de Moraes, com quem Adoniran comporia o samba *Bom Dia, Tristeza*.

O autor de *Trem das Onze*, *Vila da Boa Esperança* e *Samba do Arnesto*, deixou uma obra (60 músicas) repleta de expressões e costumes populares. Nada em sua música é falso. Todo universo de Adoniran é real, isso porque sua composição é reconstituição de fragmentos vividos por ele ou pelas pessoas que o cercavam.

Morreu o poeta do Brás, do Bixiga, o poeta que tinha o dom de mostrar a miséria de uma maneira lírica. Morreu o poeta do cotidiano, de São Paulo. O Brasil está de luto.

(CONT. NA FOLHA SEGUINTE - C) →





## Passagem por Santo André

"Com Adoniran por perto ninguém ficava triste. Ele foi uma pessoa alegre e nos nossos tempos, era louco por ficar batucando com uma caixa de fósforo". A afirmação foi feita ontem por Atilio Guidugli, sapateiro que reside há mais de 60 anos em Santo André e que conviveu, no início da década de 30 com Adoniran Barbosa, período em que o compositor também viveu no Município.

Atilio, conhecido como *Risonho*, não se lembra em detalhes do período em que Adoniran passou em Santo André. Entretanto, esta alegria que o compositor transmitia marcou muito Risonho, como ele próprio admitiu. "Frequentemente sentávamos à mesa de bares aqui em Santo André para conversar e cantar, sempre acompanhados dos batuques que Adoniran fazia com as caixas de fósforo e do som produzido pelo pente de Oswaldo Aragão, outro grande amigo daqueles tempos" - ressaltou o sapateiro.

Aragão também reside em Santo André e, integrante de um conjunto musical, acompanhou Adoniran Barbosa em diversos *shows* pelo Interior do Estado, no início de sua carreira. "Eu e Adoniran, durante muito tempo, animamos as noites do Clube Germânia, da Vila Gilda, ele tocando flauta e eu bateria. Não ganhávamos nada, além de cerveja e alguma comida" - lembrou Oswaldo, acrescentando ter sentido muito a morte do compositor.

Mostrando fotografias antigas, dos tempos de carnaval no cinema Carlos Gomes, Aragão, baixinho, começou a cantar a marchinha composta por Adoniran, *Dona Boa*, em 1935, vencedora do carnaval daquele ano. "*Dona Boa, dona Boa, vem no cordão e não fica aí à toa...*". Segundo ele, o compositor não gostava de bailes e festas e quando ia aos salões, ficava num canto, bebendo sua cervejinha e olhando a movimentação na pista de danças.

"A nossa diversão era ir ao cinema, aos bares e aos circos aqui em Santo André e, algum tempo depois, animar os bailes" - recordou-se.

### Rádio Record

Tanto Oswaldo quanto *Risonho* lembraram-se da época em que Adoniran iniciou seu trabalho na Rádio Record, como discotecário. "Todo dia, ele pegava o trem, que naquela época custava 400 réis, e ia para a Rádio, onde não recebia salário" - disse Aragão, acrescentando que

sempre ia visitá-lo nos estúdios da Record.

Oswaldo chegou a participar, como humorista, num programa de Rádio chamado *Casa da Sogra*. "Nos intervalos do programa, eu, Adoniran e Blota Júnior ficávamos jogando futebol no estúdio. Era a maior farra" - enfatizou.

Depois deste período, Oswaldo e Adoniran iniciaram uma série de *shows* pelo Interior, em circos, clubes e boates. Daí começou a surgir o sucesso do compositor, que acabou se mudando para São Paulo e prosseguindo sua carreira com outros conjuntos musicais. "Mas eu cheguei a tocar com Os Demônios da Garoa, com Hebe Camargo e outros artistas" - disse Oswaldo.

### Trem das Onze

"O que todo mundo de Santo André estranhou foi quando Adoniran compôs *Trem das Onze* e em vez de falar que morava em Santo André, colocou Jaçanã. Mas, de resto, tudo o que estava na música era verdade. Sua mãe não dormia enquanto ele não chegava" - lembrou-se *Risonho*, acrescentando que a imagem que guarda do compositor é ele sentado à mesa de um bar, com a caixa de fósforos na mão.

Da passagem de Barbosa por Santo André, além do restante dos amigos que ainda vivem, Oswaldo Aragão disse que o que ficou para recordar aqueles tempos foi a casa onde o compositor residiu, na rua Cesário Mota, próxima ao Cine Carlos Gomes. "E ficaram também as músicas que Adoniran compôs nesta época" - concluiu Oswaldo Aragão.



Nas mesas dos bares, a conversa e batucada entre amigos

(OUTRAS FOTOS NO VERSO-D)

DIÁRIO DO GDE ABC  
CAD. B - PAG 1 (FINAL)  
25/11/82

D



O MPB-4 participou da gravação do último LP, Vicente Barreto fez shows com Adoniran



## No último dia do ano, lembrança de Adoniran

No dia 23 de novembro desse ano, o samba paulista — e mesmo o nacional — ficou de luto: morria Adoniran Barbosa, aos 72 anos de idade, e com ele desaparecia também o maior poeta popular da cidade de São Paulo. O genial artista urbano, cujo nome verdadeiro era João Rubinato, cantou a selva de pedra, destacando o cotidiano paulistano, o trem do subúrbio, os bairros com características marcadamente italianas, como o Bixiga, o Brás, a Moóca.

O último disco do compositor, poeta e cantor Adoniran Barbosa foi lançado em 80, onde comparecem, além do poeta paulistano, Clementina de Jesus, Carlinhos Vergueiro, Elis Regina, Djevan, Gonzaguinha, Clara Nunes, MPB-4, Roberto Ribeiro, Vânia Carvalho e o conjunto Nosso Samba. A RTC presta sua homenagem ao cantor das coisas paulistanas apresentando na próxima sexta-feira, dia 31, às 21h, o programa *Especial Adoniran Barbosa*, reunindo todas as gravações que Adoniran realizou na emissora, entre elas o *Vox Populi*, quando respondeu com bastante humor às perguntas do povo.

Cantor e cronista da vida paulistana, Adoniran criou também uma linguagem própria, que, segundo ele, era falada pelos moradores dos bairros centrais de São Paulo. Ele dizia: "O povo não fala nós fomos, mas nós fumo". Ele foi ajudante de carregador de vagões, tecelão, faxineiro, ajudante de encanador, pedreiro, mascate e garçom. Chegou à



Adoniran em Ponto de Encontro

*Rádio Cruzeiro do Sul* em 1930, depois de vencer um concurso de calouros, e em 34 transferiu-se para a *Rádio Record*, onde conheceu Otávio Gabus Mendes. Otávio levou-o para fazer um programa, *Zé Conversa*, escrito por Oswaldo Moles, onde cantava, fazia teatro e humorismo. O grande sucesso, no entanto, só viria mesmo em 65, com *Trem das Onze*.

A RTC reuniu alguns críticos de música, cantores e compositores que conviveram com Adoniran e que vão falar de sua vida, sua carreira, sua obra. O programa conterà *flashes* do *Vox Populi* feito com Adoniran e do *MPB Especial*, série produzida por Fernando Faro. A produção é de Dorival Dellias e Maria Célia Sacramento.